

VISÕES
E REVISÕES
DO PATRIMÓNIO

**Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Emanuel Ornelas de Freitas

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Visões e Revisões do Património

Orientadora:
Professora Doutora Paula André, Professor Auxiliar,
ISCTE-IUL

Outubro 2016

Índice

Introdução	8
Preâmbulo	9
Tema	10
Proposta da vertente prática e a sua ligação com a vertente teórica	11
Metodologia	12
Estado da Arte	13
Objetivos	26
Contributos do Estudo	26
Estrutura	27
 <i>As Questões do Património. Antologia para um combate - Françoise Choay</i>	28
Monumento e Monumento Histórico	31
O monumento histórico	32
A gestão dos monumentos históricos	33
A globalização e o património	35
A museificação e comercialização do património	37
Antologia	39
Abade Suger e a memória	41
John Ruskin e a conservação	45
Eugène Viollet-le-Duc e o restauro	49
Gustavo Giovannoni e o património urbano	53
A Conferência de Veneza sobre a conservação dos monumentos e dos lugares de Veneza	55
Unesco e a mundialização do património	56

<i>Uses of Heritage</i> - Laurajane Smith	58
O património	61
A definição do discurso autorizado do património	61
Os valores imateriais do património	63
O património autorizado	65
A regulamentação e institucionalização do património	66
A experiência na construção da identidade e a valorização do sítio	71
Novas visões para o discurso do património	75
O património na construção da identidade cultural e social: património industrial	75
O poder do património	79
Conclusão	80
 Ligação da vertente teórica com a vertente prática	 82
 Considerações Finais	 91
 Índice de Figuras	 92
 Bibliografia	 94

INTRODUÇÃO

PREÂMBULO

No âmbito do Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ano letivo 2015/2016, do ISCTE-IUL (Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas – Instituto Universitário de Lisboa), foi proposto aos alunos o exercício lançado pelo Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP, integrado na Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, com o tema “Sines-Indústria e Estrutura Portuária”. A cidade de Sines situa-se no Litoral Alentejano junto a uma baía e é marcada pela forte presença da Indústria, com porto comercial, central termoelétrica e refinarias. Com condições favoráveis para o acolhimento de embarcações e sendo um local estratégico para defesa dos perigos vindos do mar, permitiu-se em Sines a fixação de comunidades ligadas à pesca e ao comércio marítimo desde a ocupação romana na Península Ibérica, sendo suportada pela indústria da salga de peixe. Nos séculos XIII e XIV verifica-se a fundação e ampliação de povoações na costa marítima de Portugal face aos confrontos naturais e humanos vindos do mar. Deste modo há um enorme crescimento e consolidação da comunidade de Sines pelas atividades marítimas e em 1362 é elevada a vila. No século XIX com a industrialização desenvolvem-se em Sines as indústrias corticeiras e conserveiras. A cidade pouco se altera até à década de 1970 quando é criado um grande complexo industrial e portuário resultante de um grande plano de desenvolvimento nos sectores da energia e de transformação de matérias-primas. Sines sofre uma grande transformação a vários níveis desde a comunidade pelo crescimento populacional e surgimento de novas atividades económicas à paisagem com a instalação de grandes infraestruturas portuárias e de produção energética.

TEMA

O tema deste trabalho desenvolvido na vertente teórica é o estudo do conceito do património arquitetónico e do seu discurso. Após a pesquisa e o estudo de vários trabalhos académicos e obras referentes ao tema do Património e do seu reuso, são selecionadas duas monografias como referência para o trabalho da vertente teórica: *As questões do património. Antologia para um combate* de Françoise Choay e *Uses of Eritage* de Laurajane Smith. A seleção destas duas obras é motivada pelas visões críticas e problemáticas apresentadas pelas suas autoras sobre o discurso do património atual. São obras relevantes no entendimento do conceito atual do património e na sua transformação. Como indica o título do presente trabalho, estas duas monografias são uma visão e revisão do conceito de património e do discurso institucionalizado do património na atualidade. A obra de F. Choay faz um percurso pela história do Património de forma sintetizada e apresenta uma seleção de obras relacionadas com a temática do Património com excertos e notas introdutórias, mas de forma muito esclarecedora. Assim, esta obra dá uma perspetiva atual da discussão na teoria do Património. A autora coloca ainda algumas questões referentes com as abordagens tomadas em relação ao Património, deixando claro que é necessário repensar o modo como é feita a conservação, manutenção e gestão do nosso património arquitetónico. A obra de L. Smith, *Uses of Heritage*, coloca dúvidas quanto ao atual discurso institucionalizado e ao processo de classificação do património arquitetónico. Primeiro faz uma abordagem ao conceito de património e a evolução do discurso dominante atual. Apresenta diferentes casos de classificação e gestão do património que apoiam a sua posição na elaboração de um discurso capaz de entender e englobar valores culturais e artísticos diversos. Não coloca de todo em causa o discurso dominante, mas percebe o potencial de outras abordagens ao Património na adaptação do discurso institucionalizado. Deste modo, não é pretendido um estudo aprofundado da história do conceito o património, mas sim conhecer diferentes visões que questionam o atual exercício do discurso institucionalizado do património.

PROPOSTA DA VERTENTE PRÁTICA E A SUA LIGAÇÃO COM A VERTENTE TEÓRICA

O local a intervir em projeto situa-se na antiga Quinta Santa Isabel, próximo à Administração do Porto de Sines e da Ribeira da Calheta, encontrando-se integrado na proposta urbana desenvolvida em grupo para a cidade de Sines que promove a requalificação da linha costeira e da Avenida Marginal através de uma contínua mancha verde.

Surgiu desde cedo o interesse em intervir na Calheta, pela sua história marcada por diferentes acontecimentos e ocupações desde o pequeno porto de pesca e transação de mercadorias até à grande transformação do território provocada pela construção do Porto Internacional de Sines na década de 1970. Sendo o tema da Vertente Teórica o estudo do conceito de Património e motivado pelo interesse pessoal pelo Património e Reabilitação o projeto da Vertente Prática passa pela reabilitação da casa da Quinta Santa Isabel. Esta antiga residência pertenceu inicialmente à família inglesa Pidwell que se instalou em Sines na primeira metade do século XIX e posiciona-se num local estratégico próximo do porto da Calheta e com vista privilegiada para o mar. A casa de três pisos segue as linhas da anterior residência da família Pidwell em Inglaterra construída em alvenaria de pedra e tabique.

De planta retangular o programa habitacional organiza-se em corredor central que faz a distribuição para as diferentes divisões. Na cave situa-se a cozinha e as restantes áreas de serviço com ligação interior ao piso térreo onde estão as salas de estar e jantar e no primeiro piso estão os quartos de dormir e outros espaços de carácter privado.

Aqui residiu mais tarde o artista Emmerico Nunes (casado com Clotilde Pidwell) em meados do século XX, onde passou o período mais tardio da sua vida e criou algumas das suas obras. Pelo carácter histórico e simbólico deste local, é proposto em projeto na Vertente Prática a nova sede do Centro Cultural Emmerico Nunes, respeitando e preservando a memória deste local que foi a última residência de Emmerico Nunes. A investigação e o trabalho da Vertente Teórica constituem um importante instrumento de apoio ao projeto de arquitetura e ao processo de investigação que precede ao projeto na Vertente Prática.

METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho teórico é baseada na análise de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias compõem-se de cartografias, plantas, levantamentos do sítio e do edifício a intervir e fotografias. São também fontes primárias as obras: *As questões do património. Antologia para um combate* de Françoise Choay e *Uses of Eritage* de Laurajane Smith que são elementos de analisados no trabalho teórico.

Em relação às fontes secundárias estas são compostas por trabalhos académicos como teses, dissertações e artigos científicos, monografias, atas de congressos e de conferências e *websites*.

A pesquisa e consulta foi realizada em diversos locais como a Biblioteca do ISCTE-IUL e a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, a Direção-Geral do Território, o Arquivo Distrital de Setúbal, o Arquivo Municipal de Sines e também em repositórios e bases de dados online como o RCAAP (repositório nacional), o Retrievio, o TDX *Tesis* (repositório espanhol), o DART-Europe (repositório europeu) e o DSpace@MIT (repositório do *Massachusetts Institute of Technology*).

O trabalho é escrito consoante o novo acordo ortográfico da língua portuguesa e segue as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e tese de doutoramento”, determinadas pelo ISCTE-IUL, estando as referências bibliográficas conforme a “Norma Portuguesa 405”.

A análise das duas obras selecionadas segue a sequência dos capítulos, tendo, no entanto, títulos próprios do autor da análise em que alguns capítulos das obras são abordados em conjunto e com referências ao trabalho da vertente prática.

ESTADO DA ARTE

O tema da Reabilitação e Reuso do Património Arquitetónico tem sido explorado e discutido num grande conjunto de trabalhos académicos. A informação sobre o tema é vasta e abrange diferentes tipos de arquitetura desde a erudita à popular e a arquitetura industrial, bem como diferentes contextos sociais, económicos e culturais. Pelo que este tema é na atualidade alvo de discussão e de debate, o estado da arte revela diferentes abordagens estudadas pelos diferentes autores. É perceptível ainda, no conjunto das obras selecionadas, que este tema é alvo de estudo académico há mais tempo no panorama internacional, nomeadamente a partir da década de 1980, em relação ao quadro nacional que ganha notoriedade nos últimos anos.

Algumas investigações sobre este tema foram desenvolvidas em trabalhos académicos. Temos ainda monografias, artigos, catálogos e congressos que abordam o tema e que compõem o estado da arte a nível nacional e internacional.

Apesar da importância das obras e dos trabalhos teóricos que constituem o estado da arte para melhor conhecimento do tema do património, as duas obras analisadas neste trabalho são selecionadas por abordarem o tema de forma objetiva e crítica.

(2001)¹ de Maria João Baptista Neto é um estudo que analisa as iniciativas tomadas pela DGEMN (Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) numa época em que se começou a criar uma consciência de proteção do Património arquitetónico português. Nesta obra encontra-se referenciadas diferentes abordagens do Património arquitetónico desde Viollet-le-Duc, John Ruskin até Gustavo Giovannoni que mais tarde servem de base para os critérios de intervenção nos monumentos nacionais por parte da DGEMN.

Na área do Património Industrial e ao seu reuso temos a prova final para Mestrado em Arquitetura *Reabilitação de património industrial: seu valor e critérios de análise para propostas de intervenção* (2007)² de Catarina Silva. São analisados cinco casos de estudo sendo estes o Museu D'Orsay em Paris, a Fundação Antoni Tàpies em Barcelona, o Lingotto em Turim, a Tate Modern em Londres e o Centro Cultural e de Congressos em Aveiro, todos de carácter cultural e que dão origem a uma proposta de metodologia de Análise e Intervenção para este Património em particular. Pretende assim criar uma alternativa às intervenções com base apenas no lucro económico, garantindo o valor patrimonial e histórico sem comprometer o seu novo uso e aplica na proposta de reabilitação do edifício da Tabaqueira de Braço de Prata, em Lisboa, de forma a promover também o desenvolvimento cultural da cidade.

Luís Rodrigues na sua dissertação de Mestrado *Património sustentável, (re) pensar a arquitetura: estudo de exemplos paradigmáticos* (2009)³ estuda a relação entre a Sustentabilidade e a Reabilitação e a aplicação de medidas e soluções em projetos de reabilitação de modo a proporcionar uma gestão sustentável do edifício. Verifica que a situação em Portugal tem ainda muito a evoluir, propondo assim uma metodologia a seguir com base em casos de estudo de reabilitação, nomeadamente a Faculdade de Arquitetura e

1 NETO, Maria João Baptista - **Memória, Propaganda e Poder: o restauro dos monumentos nacionais (1924-1960)**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2001. (Série 1. Ensaios)

2 SILVA, Catarina Perdigão Clemente da - **Reabilitação de património industrial: seu valor e critérios de análise para propostas de intervenção**. Lisboa, ISCTE-IUL, 2007. Dissertação de Mestrado.

3 RODRIGUES, Luís Filipe Martins - **Património sustentável, (re)pensar a arquitetura: estudo de exemplos paradigmáticos**. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2009. Dissertação de Mestrado.

Artes Visuais de Évora (antiga Fábrica dos Leões) e o Museu da Água em Coimbra, explicando as condições de acesso a incentivos governamentais. De realçar ainda o estudo feito sobre a evolução do conceito de Reabilitação desde a Antiguidade onde o significado é muito diferente do atual, passando pela Idade Média e Renascimento até ao século XX que graças a diferentes eventos económicos e sociais (as Grandes Guerras) o conceito de Reabilitação sofre um grande desenvolvimento e também o conceito de conservação integrada e a sua situação em Portugal que defende a reabilitação e a conservação não só do edifício a intervir mas também do conjunto edificado ou envolvente urbana, procurando uma integração e conexão sustentáveis na malha urbana.

A Tese de Mestrado em Arquitetura de Interiores de Joana Cera, *Re-habitar o palácio da Ribeira. Estudo do habitar setecentista aplicado a novos usos. Arquitetura doméstica temporária* (2010)⁴ aborda o tema da Reabilitação como ferramenta de consolidação da cidade de forma sustentável e que habitando um edifício é a melhor forma de conservar, centrando-se na proposta de projeto para o Palácio da Ribeira Grande, em Lisboa. Para uma correta intervenção estuda não só os modos de habitabilidade e a história da vida privada de forma a compreender como pode a habitação setecentista adaptar-se ao quotidiano atual sem perder as suas características e memórias, mas também estuda a habitação temporária e o programa de hotelaria que vem a propor. Na sua proposta tem em conta vários aspetos desde à iluminação até ao conforto ambiental, bem como a análise dos elementos a conservar e a nova estrutura que complementa o programa hoteleiro.

4 CERA, Joana Morais Gomes – **Re-habitar o Palácio da Ribeira. Estudo do habitar setecentista aplicado a novos usos. Architectura doméstica temporária.** Lisboa, Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2010. Tese de Mestrado.

Reabilitação urbana e sustentabilidade. Lx factory: um exemplo de reabilitação sustentável na cidade de Lisboa (2012)⁵, de Cláudio Ribeiro, é um trabalho académico final para Mestrado em Arquitetura com Especialização em Planeamento Urbano e Territorial.

Toma como caso de estudo a reabilitação do antigo núcleo industrial de Alcântara, agora Lx Factory, dado como um exemplo de reabilitação sustentável. Refere a importância da reabilitação do património industrial de forma a requalificar a imagem urbana, fundamentando-se na sustentabilidade. Aborda ainda os diferentes termos que descrevem o processo de melhoramento das condições do edificado como *revitalização*, *renovação*, *recuperação* e *reabilitação*, fazendo uma clara distinção e o correto uso para cada um dos termos.

A Tese de Mestrado integrado em Arquitetura da arquiteta Mariana Ferreira *Reconversão em Habitação* (2012)⁶ estuda a questão da reconversão da habitação ao longo do tempo de modo a acompanhar os diferentes hábitos e exigências que foram surgindo no quotidiano familiar. Baseia-se em cinco casos de estudo: Casa na Bélgica (Arquiteto Álvaro Siza Vieira), Casa em Cortegaça (Arquiteto João Mendes Ribeiro), Casa em Brejos de Azeitão (Arquitetos Manuel e Francisco Aires Mateus), Casa em Guimarães (Arquiteto José Gigante) e a Casa de Montemor (Arquiteto Miguel Figueira), antigas habitações recuperadas para habitações unifamiliares permanentes temporárias. São projetos que estabelecem diálogos entre a tradição e a contemporaneidade, preservando as memórias do espaço e a sua relação com a envolvente, prevalecendo assim uma continuidade pelas intervenções e usos na habitação.

5 RIBEIRO, Cláudio André dos Santos Ribeiro - **Reabilitação urbana e sustentabilidade. Lx Factory: um exemplo de reabilitação sustentável na cidade de Lisboa**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2012. Tese de Mestrado.

6 FERREIRA, Mariana Fartaria - **Reconversão em Habitação**. Évora, Universidade de Évora, 2012. Tese de Mestrado.

O estudo académico de André Neves Carrola, *Reabilitação e conversão do Forte de São Luís de Almádena em hotel de charme* (2012)⁷ aborda a reabilitação como ferramenta que contribui para a conservação da memória coletiva de modo a transmiti-la para o futuro. O estudo fala do prolongamento do ciclo de vida dos edifícios de maneira a requalificar espaços urbanos e preservar elemento históricos importantes. Aborda ainda na parte teórica o conceito de Reabilitação e os seus termos relativos e as teorias desenvolvidas no século XX como as Cartas de Atenas e de Veneza. Cátia Sampaio em *Reabilitação e reconversão de usos. Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro* (2012)⁸ aborda a reabilitação destes dois mosteiros e a sua adaptação para novos usos. Estuda dois projetos dos mesmos autores: a Casa da Rua Nova (Arquiteto Fernando Távora) e a Casa no Gerês (Arquiteto Eduardo Souto Moura) que através de um estudo histórico e arqueológico procuram dar continuidade na história dos edifícios com adição de um novo programa. Apesar de programas distintos dos projetos dos dois arquitetos, é claro o uso dos mesmos métodos em cada projeto.

A Dissertação de Mestrado de Igor Costa *Do património devoluto ao desenvolvimento local sustentável: dois casos de estudo na cidade do Fundão* (2013)⁹ explora a temática do Património devoluto de forma a promover um desenvolvimento local sustentável, tendo como caso de estudo a Casa de Chá e a Praça Municipal da cidade do Fundão. Com as dificuldades económicas atuais, indica que a reabilitação arquitetónica permite o aproveitamento de recursos, bem como o surgimento de novas atividades económicas. Realça ainda que a flexibilidade do programa nos edifícios possibilita a um reuso contínuo do edificado.

7 CARROLA, André Neves - **Reabilitação e conversão do Forte de São Luís de Almádena em hotel de charme**. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2012. Dissertação de Mestrado.

8 SAMPAIO, Cátia Sofia da Silva - **Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro**. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

9 COSTA, Igor Cristiano Santos Ribeiro – **Do Património devoluto ao desenvolvimento local sustentável: dois casos de estudo na cidade do Fundão**. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.

Intervir no património. Reconversão do Hospital de Desterro em unidade hoteleira (2013)¹⁰ de Isabel de Sousa, é uma reflexão crítica sobre a intervenção no património arquitetónico, pelo conhecimento e estudo dos vários temas relativos à reabilitação de modo a servir de apoio ao projeto prático desenvolvido em paralelo. O projeto prático passa pela reconversão do antigo Hospital do Desterro em unidade hoteleira, baseado no crescente número de intervenções semelhantes que possam trazer benefícios a nível cultural, social e económico.

Em relação às monografias temos *Urbanidade e património* (1998)¹¹ sob a coordenação de João Couceiro e trata-se de um conjunto de textos e estudos que falam sobre o Património na atualidade com foco em Portugal. Temos em destaque o texto de Maria João Pinto Coelho que apresenta e clarifica alguns conceitos na área do Património Arquitetónico como *conservação, reconversão e reabilitação*.

Património e Restauro em Portugal (1920-1995) (2002)¹² de Miguel Tomé, apresenta uma investigação que apresenta uma historiografia desde a tomada de consciência da salvaguarda do Património arquitetónico até ao fim do século XX. Apresenta também um confronto de metodologias como a conservação e o restauro que se verifica no século XX em Portugal e resume-se em duas orientações: o restauro como manifestação artística e o restauro como processo de transformação.

10 SOUSA, Isabel Cristina Figueira de – **Intervir no Património. Reconversão do Hospital de Desterro em unidade hoteleira**. Lisboa, Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado.

11 COUCEIRO, João (coord.) - **Urbanidade e património**. Lisboa: Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, 1998.

12 TOMÉ, Miguel - **Património e Restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2002. (Série 2. Argumentos)

Em 2010 concretizou-se o *III Seminário de Geografia, Turismo e Património Cultural* e visa compreender “as relações entre a preservação patrimonial, as práticas turísticas e as políticas de planeamento do território”¹³, bem como discutir a refuncionalização do património no contexto do Turismo.

Em 2012, Coimbra, realizou-se o Ciclo de Encontros *Reabilitação Urbana: Os centros Históricos* e foca-se no caso do centro histórico da cidade de Coimbra. A ausência da manutenção, efeitos da poluição das atmosferas urbanas, a perda de conhecimento e a incompatibilidade das técnicas construtivas são alguns dos problemas abordados. Isto leva a uma descaracterização da imagem urbana e à perda das características próprias do edificado histórico, por isso urge criar ferramentas e métodos que possam superar estas dificuldades durante o processo de Reabilitação.

O *Seminário Internacional Reabilitação e Re-uso da Arquitetura do Movimento Moderno* organizado pela *Docomomo International*, em 2015 “traz a Portugal especialistas de renome internacional para discutir estratégias de reabilitação e re-uso de edifícios do Movimento Moderno.”¹⁴ Contou com nomes como Eduardo Souto de Moura, Hubert-Jan Henket e Teresa Nunes da Ponte.

No panorama internacional temos a investigação *Converting mill buildings into housing: ways of working with brick walls* (1981)¹⁵ de Paul Pressman onde aborda os moinhos do século XX da região *New England* (E.U.A.) que têm sido alvo de reconversões para espaços de habitação e comércio. Analisa o sistema construtivo, a materialidade e a organização espacial e casos de intervenção contemporâneos em moinhos do século XX e demonstra a versatilidade em receber novas funções destes edifícios.

13 VITRUVIUS. *III Seminário de Geografia, Turismo e Património Cultural*. [Em linha]. Brasil [Consult. 8 Out. 2015]. Disponível em WWW:< <http://vitruvius.com.br/jornal/events/read/52>>.

14 VITRUVIUS. *Docomo Internacional*. [Em linha]. Brasil [Consult. 8 Out. 2015]. Disponível em WWW:< <http://vitruvius.com.br/jornal/events/read/1368>>.

15 PRESSMAN, Paul - *Converting mill buildings into housing: ways of working with brick walls*. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1981. Tese de Mestrado.

Rehabilitation for development: an approach to the conversion of old office buildings to housing de D. Michael Hellinghausen (1984)¹⁶ mostra a reabilitação como alternativa a novas construções, mais concretamente antigos edifícios de escritórios dos anos 1900-30 para residências. Depois de identificar as tipologias o autor apresenta uma análise mais aprofundada com os aspetos a serem tomados no desenho e construção do projeto como a relação entre espaço público/privado e adaptação do programa conforme a estrutura existente.

Change in historic buildings (1992)¹⁷ de Chien-Ni Yin, baseia-se na premissa de que a mudança nos edifícios históricos é inevitável, o autor propõe princípios e recomendações de como trabalhar estas mudanças de forma eficiente e ponderada. Desde os extremos da preservação total (museificação) e a demolição (edifícios sem interesse) existem casos de meio-termo onde se possibilita a uma intervenção contemporânea no edifício histórico. A mudança nos edifícios seria classificada em diferentes graus conforme o interesse do edifício.

A tese de mestrado *The future of the past: on conserving the Melleh of Rabat, Morocco* (1998)¹⁸ de Minakshi S. Mani concentra-se numa reabilitação numa sociedade diversa de um país em desenvolvimento. Explora como a visão sobre o passado afeta a conservação do edificado e propõe uma reavaliação do estudo do passado num projeto de reabilitação urbana. Apresenta como caso de estudo a *Mellah* (Bairro Judeu) em Rabat e apresenta questões quanto à memória do lugar, como a sua preservação afeta a cidade quando na verdade não vivem mais judeus no bairro.

16 HELLINGHAUSEN, D. Michael - **Rehabilitation for development: an approach to the conversion of old office buildings to housing**. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1984. Tese de Mestrado.

17 YIN, Chien-Ni - **Change in historic buildings**. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1992. Tese de Mestrado.

18 MANI, Minakshi S. - **The future of the past: on conserving the Melleh of Rabat, Morocco**. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1998. Tese de Mestrado.

Wei Zhang em *Local Culture on reuse of old buildings in industrial area* (2012)¹⁹ refere que com o rápido desenvolvimento das cidades nos últimos anos muitas das fábricas ficaram inutilizadas. Como reutilizá-las e preservá-las, respeitando a cultura local, tornou-se um aspeto fulcral no desenho urbano. Tudo isto contribui para um consumo mínimo de recursos de modo a obter o máximo de benefícios económicos e sociais. O propósito deste trabalho é discutir e propor novas formas de integrar a cultura local na reconversão das áreas industriais.

Elizabeth C. Arroyo em *Arquitecturas transformadas: reutilización adaptativa de edificaciones en Lisboa 1980-2002. Los antiguos conventos* (2007)²⁰ centra-se na reabilitação e refuncionalização do edificado nos tecidos urbanos históricos consolidados.

Compreendendo as alterações de funções nos edifícios ao longo da sua ocupação procura-se saber intervir numa estrutura existente tendo em conta o contexto social e cultural na atualidade. No sentido de entender a teoria aplicada no projeto de reabilitação, fala-nos dos conceitos de *conservação*, *reutilização* e o *(Re)uso criativo*, um termo do arquiteto Derek Latham que explica o processo de recuperar, preservar e dar um novo programa a um edifício de interesse arquitetónico, mantendo a estrutura física e formal e admitindo as alterações e adições contemporâneas. Estuda os projetos de refuncionalização de quatro conventos em Lisboa correspondentes a diferentes métodos de intervenções e teorias de reabilitação de diferentes épocas: a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, a Academia Nacional de Belas Artes, o Museu do Chiado e o Governo Civil.

19 ZHANG, Wei - **Local Culture on reuse of old buildings in industrial area**. Karlskrona, Instituto de Tecnologia de Blekinge, 2012. Tese de Mestrado.

20 CÁRDENAS, Elizabeth Arroyo - **Arquitecturas transformadas: reutilización adaptativa de edificaciones en Lisboa 1980-2002. Los antiguos conventos**. Barcelona, Universidade Politècnica de Catalunya, 2007. Tese de Doutoramento.

Nuovi interventi sul patrimonio archeologico: Un contributo alla definizione di un'etica del paesaggio (2014)²¹ de Vincenzo Bagnato explora a relação da arqueologia com a arquitetura. Ao abordar o significado e o valor do património arqueológico expõe as implicações em intervir no tecido urbano contemporâneo no sentido de preservar este património arquitetónico. No primeiro capítulo analisa os conceitos de *reconstrução* e o confronto entre a *conservação* e a *transformação* com a teoria do “caso a caso”, a estrutura tipológica e o *collage*.

No que se refere às monografias temos *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación* (1992)²² de Francisco de Gracia, onde expressa que na arquitetura é difícil aceitar uma historicidade inacabada e que se vive um debate sobre os diferentes modos de fazer a cidade. Esta obra propõe uma reconciliação entre a cidade histórica e a arquitetura contemporânea. Em primeiro lugar o autor analisa o confronto entre a cidade moderna e a cidade tradicional, depois apresenta a tipificação do edificado como instrumento essencial para a continuidade histórica na construção da cidade e por fim apresenta uma análise sistemática a partir de exemplos concretos.

Da historiadora Françoise Choay temos duas obras de destaque: *A alegoria do Património* (1999)²³ e *As Questões do Património: Antologia para um combate* (2009)²⁴. A primeira obra referida mostra-nos como a conservação, o restauro e o conhecimento do património arquitetónico podem ser um desafio para as instituições governamentais.

21 BAGNATO, Vincenzo Paolo - **Nuovi interventi sul patrimonio archeologico: Un contributo alla definizione di un'etica del paesaggio**. Barcelona, Universidade Politècnica de Catalunya, 2013. Tese de Doutoramento.

22 GRACIA, Francisco de - **Construir en lo construído: la arquitectura como modificación**. 3ª ed. Madrid: Editorial Nerea, 1992.

23 CHOAY, Françoise - **A alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 1999.

24 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015.

F. Choay pretende esclarecer o excessivo culto pelo Património e os seus erros derivados. Na procura de uma resposta que envolva os temas da História, Memória e Tempo, a autora analisa a evolução dos conceitos do Património Histórico. A segunda obra divide-se em duas partes em que F. Choay começa com uma introdução à situação atual do Património e explica as alterações do conceito de Património e Antiguidade e faz uma clara distinção dos termos *monumento* e *monumento histórico*. A autora fala ainda de duas Revoluções Culturais que influenciaram profundamente o conceito de Património sendo estas o Renascimento e a Revolução Industrial. São acontecimentos marcados não só por inovações em termos culturais e artísticos, mas também nas áreas da política, da economia e da sociedade.

O segundo capítulo é composto por um conjunto de textos como livros, correspondência, convenções e Cartas (séculos XII-XXI) de autores e entidades ligadas ao património e ao mundo artístico que influenciam e refletem o entendimento do Património e dos Monumentos no período das Revoluções Culturais. São apresentados apenas excertos dos textos com uma breve descrição da autora, que permitam a sua compreensão na totalidade.

Em *Uses of Heritage* (2006)²⁵ Laurajane Smith mostra que o Património não está somente nos edifícios e no meio onde estão inseridos, mas também nos valores culturais que aí se constrói juntamente com a comunidade. Desafia o discurso institucionalizado sobre o Património, que diz necessário de mudança em relação à classificação do Património arquitetónico. Numa obra dividida em três partes, primeiro faz uma aproximação do tema do Património e dos seus conceitos e a identificação de vários valores que podem ser assumidos no discurso do Património; após reconhecer um discurso autorizado dominante na segunda parte analisa as suas consequências e na terceira parte explora outros discursos alternativos do Património com menor grau de reconhecimento.

Na obra *Da ruína ao Património: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra Vitoriana* (2008)²⁶, Cristina Meneguello estuda a origem do conceito de Património histórico e da sua preservação no contexto do neogótico na Inglaterra e a interessante relação ambivalente do medievalismo como um olhar para o passado e a Revolução Industrial, símbolo de avanço tecnológico.

Fernando Terán em *El Pasado Activo* (2009)²⁷ compreende as sucessivas transformações na cidade como uma cadeia de acontecimentos (fragmentos) fruto de uma ação fortuita ou voluntária, mas que acabam interligados. É importante entender a história da cidade para que no presente haja uma intervenção cuidada no meio urbano sem nunca interromper a ligação com o passado. Com a revisão da história do planeamento urbano desde os anos 1960 até à atualidade, F. Terán questiona os métodos de intervenção e profissionalismo dos intervenientes que devem entender os vários aspetos (sociais, políticos, económicos) que influenciam o desenvolvimento da cidade para uma correta intervenção no território.

Em *Heritage: Critical Approaches* (2013)²⁸ Rodney Harisson toma uma posição crítica às instituições responsáveis pela classificação do Património e definição dos métodos para a sua conservação. Faz também uma breve análise do conceito de *Património* apresentando depois um discurso alternativo sustentado com exemplos de intervenções em edificado existente.

Reconstrução ou reconstrução? (2010)²⁹ é um texto de Marcelo Ferraz, que através do caso da reconstrução da cidade de São Luiz da Paraitinga (Brasil) após uma inundação, reflete sobre os conceitos dos “res” e os equívocos que se podem criar perante a incapacidade de distinguir os diferentes termos.

26 MENEGUELLO, Cristina - **Da ruína ao Património: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra Vitoriana**. São Paulo: Annablume, 2008.

27 TERÁN, Fernando - **El Pasado Activo**. Madrid: Akal, 2009.

28 HARRISON, Rodney - **Heritage: Critical Approaches**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2013.

29 FERRAZ, Marcelo - **Reconstrução ou reconstrução? Minha Cidade**. São Paulo, ano 10, n. 118.01, Vitruvius, maio 2010 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/10.118/3367>>

Em 2012 realizou-se o Seminário Internacional Brasil – Espanha *Estratégias de reabilitação urbana e edificação, gestão, habitação e projeto*, onde foram partilhadas experiências dos participantes, permitindo o avanço de técnicas de projeto, gestão e políticas de reabilitação nas áreas urbanas centrais do Brasil. Discutiu-se ainda aspectos das estratégias de reabilitação urbana e de metodologia de projeto, tanto a nível do urbanismo como do edificado.

Quanto aos trabalhos em publicações em série tem-se o texto de Carlos Lemos, professor titular de pós-graduação no departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que escreve *Originalidade, autenticidade, identidade, valor documental* (2007)³⁰ onde desenvolve os temas da Originalidade e Autenticidade dos bens e os critérios que os determinam. Mais importante ainda, explora o conceito de “reuso” (do edifício) onde a mudança de programa, as técnicas construtivas e as abordagens de preservação do edifício podem comprometer a identidade do mesmo.

O trabalho de Ana Magalhães *Construir no construído, e a metamorfose da cultura urbana* (2014)³¹ tem como tema principal “a construção no existente, com o objetivo de conservar e renovar a cultura histórica edificada, fazer o reuso dos espaços e recuperar e valorizar o território urbano. A justificativa é de preservar o existente e usar construções existentes por vezes subutilizadas, visando a valorização do patrimônio e reuso de espaços. Com o objetivo de resgatar a memória existente desses espaços com as intervenções, os resultados esperados são o melhor uso dos espaços.”³²

30 LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira - Originalidade, autenticidade, identidade, valor documental. **Arquitextos**. São Paulo, ano 07, n. 082.01, Vitruvius, março 2007 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/260>>

31 MAGALHÃES, Ana Vitória Tereza - Construir no construído, e a metamorfose da cultura urbana. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 15, n. 171.04, Vitruvius, outubro. 2014 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minha-cidade/15.171/5318>>.

32 MAGALHÃES, A. - **Construir no construído, e a metamorfose da cultura urbana** (2014)

OBJETIVOS

Com este trabalho pretende-se fazer uma breve abordagem à história do Património, bem como as teorias e metodologias desenvolvidas nas diferentes épocas e os desacordos por vezes provocados pelo confronto de ideias, mais concretamente no panorama Ocidental e depois uma abordagem contemporânea com a obra de Laurajane Smith.

Procura-se saber como adaptar um edifício ou um conjunto arquitetónico para novas funções e o grau de intervenção mais adequado. Desta forma é possível criar ferramentas apropriadas para a correta abordagem à preservação patrimonial, conciliando o conhecimento adquirido na investigação realizada na Vertente Teórica com a proposta da Vertente Prática.

CONTRIBUTOS DO ESTUDO

Como já foi referido, este estudo contribui em muito para o Projeto Final de Arquitetura em vários aspetos. Numa fase inicial são dadas orientações quanto à pesquisa, levantamento e processamento de informações necessárias para um conhecimento profundo do património a intervir. Posteriormente procura-se encontrar e justificar as decisões tomadas ao longo do projeto com base nos diferentes métodos de intervenção defendidos nas últimas décadas. No ponto de vista teórico ao fazer uma breve abordagem à situação atual quanto ao tema do Património, pretende-se em simultâneo dar a conhecer o argumento de Laurajane Smith que propõe em alternativa ao discurso institucionalizado.

ESTRUTURA

O trabalho divide-se em duas partes principais: a análise das duas obras de referência para este trabalho e o estudo feito para Projeto Final de Arquitetura. Na Introdução é apresentado a proposta da vertente prática e a sua ligação com a vertente teórica e uma breve abordagem ao tema do trabalho teórico. No primeiro capítulo desenvolve-se o estudo da obra *As Questões do Património. Antologia para um combate* de Françoise Choay onde há um maior aprofundamento da sua Introdução e a análise de alguns textos selecionados da sua antologia. O segundo capítulo explora a obra *Uses of Heritage* de Laurajane Smith com destaque às suas conclusões obtidas a partir dos seus estudos realizados em Inglaterra e Austrália. O capítulo 3 refere-se à ligação das vertentes teórica e prática, expondo o processo de estudo e desenvolvimento do projeto, bem como o estudo dos conhecimentos obtidos no trabalho da vertente teórico foram aplicados no projeto prático.

*AS QUESTÕES
DO PATRIMÓNIO.
ANTOLOGIA PARA
UM COMBATE*

Françoise Choay

Françoise Choay nasceu em 1925, em Paris, é historiadora da teoria da arquitetura e do urbanismo, bem como crítica de arte e arquitetura. Forma-se primeiro em Filosofia e é atualmente professora de arte, de arquitetura e urbanismo na Universidade de Paris e professora convidada de várias universidades nos Estados Unidos, Bélgica e Itália. Autora em diversas revistas e de monografias que abordam o tema do património como *A alegoria do património* (1992) e *Património e Mundialização* (2006), Françoise Choay foi premiada em 1981 e em 2007 com o *Grand Prix national du Livre d'architecture*. Em 2009 é publicada a primeira edição da monografia *As questões do património. Antologia para um combate*. Ao defender arquitetos menos reconhecidos como Gustavo Giovannoni e Camillo Sitte, mantém uma posição crítica ao movimento moderno e ao seu sentido universal e demonstra oposição ao urbanismo resultante do Modernismo e de arquitetos como Le Corbusier. Françoise Choay defende a dimensão antropológica no projeto de arquitetura onde deve-se conciliar os diferentes interesses.

O património, tema central desta obra literária, pode ser classificado segundo o seu valor e características em diversas categorias (construído, arquitetural, monumental, paisagista...), assim como segundo o seu contexto temporal pode ser referido como património histórico ou contemporâneo. Atualmente o património não é apenas um termo relacionado aos campos da cultura e das artes e aos profissionais ligados à sua gestão como arquitetos, urbanistas e historiadores, mas também a outras áreas como a política e a economia (turismo), graças à mundialização do conceito, do efeito da globalização e o potencial lucrativo que o património representa.

Françoise Choay, na sequência d'A *alegoria do património* (1992) onde investiga a origem e a evolução dos diferentes conceitos relativos ao património, pretende com esta obra apresentar textos como livros, correspondência, convenções e Cartas de diversos autores testemunhos do surgimento e desenvolvimento destes conceitos mencionados na obra anterior.

F. Choay faz em primeiro lugar uma breve introdução onde esclarece a origem e definição de termos ligados com o Património (monumento, monumento histórico e antiguidade). Refere ainda o impacto de duas grandes revoluções culturais no entendimento do termo monumento histórico. A segunda parte da obra é constituída pelo conjunto de excertos de obras e textos seleccionados por Françoise Choay, cada um precedido de uma nota biográfica do autor e contextualização da obra seleccionada.

MONUMENTO E MONUMENTO HISTÓRICO

F. Choay apresenta a origem e o uso dos termos “monumento” e “monumento histórico” que no século XIX começam a ser substituídos pelo uso corrente do substantivo “património”, não só referenciado no campo da Cultura, mas também nas mais variadas áreas de estudo.

O termo “monumento” provém do substantivo latino *monumentum*, que por sua vez deriva do verbo *monere* que se traduz por “advertir” ou “lembrar”. Pode-se referir por “monumento” a qualquer objeto ou estrutura construídos por uma comunidade com diferentes motivações “no sentido de fazer lembrar à memória viva, orgânica e afetiva dos membros, pessoas, acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais constitutivas da sua identidade”³³.

Presente em todas as culturas e sociedades humanas, o monumento é construído como símbolo com presença constante tanto nas gerações aquando da sua construção como nas gerações futuras. Porém está também exposto à destruição deliberada: de forma positiva, quando o monumento é destruído pela própria comunidade quando perde o seu significado a favor de uma nova simbologia ou necessidade (como exemplo a antiga Basílica de São Pedro construída no século IV) ou de forma negativa, tanto pela própria comunidade ou seus inimigos no sentido de eliminar a sua cultura ou os sinais de um período conturbado.

O monumento histórico por sua vez não é construído de forma intencional. É um artefacto ou mais concretamente um edifício, já preexistentes, selecionados pelo seu “valor para a história”. Símbolo de um acontecimento concreto e contributo para o conhecimento, o monumento histórico é resultante da cultura Ocidental onde o seu conceito surge em Itália no século XV (*Quattrocento*) com a redescoberta da cultura da Antiguidade Clássica.

33 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 16.

O MONUMENTO HISTÓRICO

No seguimento da definição de “monumento histórico” destaca-se duas revoluções culturais europeias, nomeadamente o Renascimento (século XV) e a Revolução Industrial (século XVIII). Designa-se uma revolução cultural uma sequência de eventos e transformações ocorridas numa sociedade em diferentes áreas como política, económica e cultural.

O Renascimento surge no século XV em Itália com a redescoberta de valores e referências do passado (Antiguidade Clássica) na transição de um pensamento teocentrista para um ideal humanista. Nasce aqui o interesse nas várias áreas da atividade humana como a História que surge como disciplina autónoma. Os humanistas manifestam grande interesse nos vestígios da Antiguidade Romana, pelo seu valor estético e histórico, que permitem atestar os escritos deixados pelos antigos autores. Neste contexto os edifícios e objetos, sejam da Antiguidade Romana ou Grega, são antes denominados “antiguidades”. Os então designados antiquários, que estão ligados às mais diversas áreas do conhecimento, desde o século XVI são responsáveis pelo levantamento e compilação de informações referentes às antiguidades, antecipando assim o trabalho dos historiadores do século XIX.

Relativamente à Revolução Industrial, esta inicia-se em Inglaterra no fim do século XVIII e tal como o Renascimento abrange em grande parte o panorama ocidental. Não foi só assinalada pelas inovações tecnológicas e pelo crescimento da indústria, mas também pela mudança nos hábitos quotidianos e pelo surgimento de novos pensamentos e ideais. As transformações provocadas no território pela expansão da indústria e das áreas urbanas e a consequente destruição de muitos edifícios despoletaram o interesse em preservar as “antiguidades”, já na época denominadas de “monumentos históricos”, com a implementação de medidas formais. Como a autora refere, “o século XIX torna-se o «século da história»”³⁴ onde na Europa surge um sentimento nacionalista e selecionam-se edifícios por vezes sem critérios definidos a fim de comprovar e reforçar a história nacional.

32 | 34 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 27.

A GESTÃO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS

Para uma conservação eficiente de um monumento histórico é necessário garantir o estatuto institucional por meio de jurisdição e uma disciplina dotada de conhecimentos construtivos e históricos que por sua vez leva à “restauração”. Inicialmente no século XIX o termo “monumento histórico” apenas englobava os edifícios de arquitetura erudita caracterizados pelo seu valor estético, complexidade construtiva e escala como igrejas, castelos e palácios, mas já no século XIX no contexto inglês e italiano começa-se a incluir novas tipologias como John Ruskin defendia a preservação da arquitetura doméstica e vernacular de carácter humilde que compunham grande parte do edificado das cidades. É de referir ainda que os italianos são dos primeiros a defender o reuso sustentável dos monumentos históricos de modo a evitar a sua *museificação* tal como era defendido por Gustavo Giovannoni na sua reintegração dos edifícios na vida contemporânea.

Em França, embora o interesse pela proteção dos monumentos históricos desperte mais tarde em relação a outras nações europeias, Eugène Viollet-le-Duc afirma que a melhor estratégia para a preservação de um edifício é capacitá-lo para um novo uso e se necessário, adaptá-lo com técnicas modernas para a sua utilidade.

A restauração pretende através dos novos conhecimentos históricos e das técnicas construtivas tradicionais ou modernas recuperar o monumento histórico ao estado entendido como original, distinguindo-se das intervenções empíricas sofridas anteriormente realizadas com o conhecimento e entendimento da época. Este é ainda um método amplamente utilizado em projeto de arquitetura na atualidade.

Ainda no século XIX presencia-se o confronto entre duas posições quanto à preservação dos monumentos históricos: não intervencionista com John Ruskin, símbolo do conservacionismo inglês que rejeita a reposição e adição de novos elementos; e intervencionista com Viollet-le-Duc, símbolo do progressismo francês que defende a restauração, mesmo admitindo a possibilidade de alterar a identidade do edifício.

Outra entidade proeminente é Aloïs Riegl que mostra ser o primeiro a defender uma posição relativa à restauração, “sustentada na sua análise dos valores contraditórios que todo o monumento tem em si”³⁵.

Apesar da procura de uma identidade ou estilo nacional e as diferenças entre si como Ruskin e Viollet-le-Duc representam, o monumento histórico acaba por cair no elitismo.

Mais ainda, a discussão em torno dos monumentos históricos e da sua gestão centra-se no contexto europeu, prologando-se mesmo pelo século XX e torna-se uma referência da cultura europeia. Temos o exemplo das duas primeiras conferências internacionais sobre a conservação dos monumentos. Em 1930 encontram-se em Atenas apenas nações europeias que dá o resultado da Carta de Atenas e mais tarde em 1964, desta vez em Veneza reúnem-se apenas entidades europeias com a exceção do México e do Peru pela relação com Espanha. Como refere Laurajane Smith na sua obra *Uses of Heritage* este pode ser resultado do colonialismo e da desvalorização das culturas não europeias que europeias daí advém.

A GLOBALIZAÇÃO E O PATRIMÓNIO

Depois da análise dos termos *monumento* e *monumento histórico*, Françoise Choay analisa o termo *património* ao mesmo tempo que introduz a mundialização do interesse e discussão acerca da proteção dos monumentos. Aquando da substituição do substantivo *antiguidade* por *monumento* e *monumento histórico* na cultura dos países germanófonos, em Inglaterra o substantivo *heritage* passa a englobar estes dois termos, o que, como a autora refere, em França demonstrou-se alguma dificuldade em adotar o termo *património* por causa do seu significado económico (bem que pode ser herdado).

Que consequências traz a Revolução Industrial e a globalização ao património? É com o uso cada vez mais corrente do termo *património* no século XX que se reconhece o valor comercial da Cultura, que passa a ser “objeto” de lazer e de consumo numa tentativa de distribuição equitativa pelas classes sociais. O património perde assim o seu valor imaterial definido e construído pela comunidade e partilhado pelos seus membros, tema que Laurajane Smith aborda na sua obra e que procura recuperar com o seu discurso.

F. Choay fala-nos ainda da revolução electro-telemática, assim designada pelo “duplo desenvolvimento dos instrumentos electrónicos e das redes de comunicação” que são responsáveis pela proliferação dos valores culturais. A mundialização provoca assim transformações profundas na sociedade e no modo como o indivíduo se relaciona com o mundo, como a vivência num mundo virtual e a sua consequente desconexão com o mundo real, a consideração pelos momentos instantâneos em detrimento da memória viva e a “normalização das culturas”³⁶. O modo como a população se estabelece no território e a relação entre indivíduos mudam radicalmente, “as formas materiais dos estabelecimentos humanos, urbanos e rurais, cujas tipologias tradicionais se desintegram e desarticulam”³⁷ onde por

36 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 39.

37 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 41.

vezes o campo e a cidade misturam-se e as populações perdem o sentido de solidariedade e relacionamentos próximos em função das conexões virtuais. Pode-se relacionar este fenómeno com a cidade de Sines e a sua transformação com a construção do porto comercial para a indústria petrolífera que provoca uma transformação profunda no seu território.

Com as limitações espaciais e temporais esbatidas, origina-se uma prática arquitetónica estandardizada nos diferentes territórios e a adoção de um discurso universal relativo à preservação do património. O papel do arquiteto sofre também grandes alterações, aquele que anteriormente contribuía para a cultura a qual pertencia com “a singularidade do seu trabalho pessoal”, torna-se agora apenas “um produtor de imagens” com a perda dos papéis de desenhador, construtor e mediador do projeto.

A MUSEIFICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Como já foi referido, na adoção do termo *monumento histórico* em detrimento de *antiguidade* verifica-se a tendência para a preservação institucional que leva à *museificação* transmitida por sua vez para o *património*. Françoise Choay realça dois aspetos da museificação: a cultura de massas e a comercialização do património. O papel da política é preponderante na massificação do património que o vê como um grande potencial económico como é o caso da Unesco que incentiva de um modo globalizado a proteção do património como gerador de poder económico (como o sector do turismo). A procura pelo património e o seu “consumo” pode ser prejudicial tanto aos visitantes pelas condições que os locais classificados estão sujeitos (sobrelotação, ruído) que impedem à apreciação do local, bem como do local de interesse com a imposição de novas estruturas de apoio e a extinção das atividades tradicionais praticadas pela população local.

A autora faz um apelo à mudança de atitude perante aos perigos que ameaçam o património, a cultura e a entidade humana e entender o nosso papel neste mundo como seres intelectualmente desenvolvidos e responsáveis.

Como o título da obra indica - *antologia para um combate* - o propósito deste trabalho é introduzir e preparar o leitor para mudança de perspetiva perante o património em três frentes de luta que Françoise Choay identifica: a educação e a formação dos futuros profissionais que atuarão na gestão do património; a utilização dos edifícios classificados e a “participação coletiva na produção de um património vivo”³⁸.

Apesar do tom pessimista que encerra esta introdução, Choay exemplifica o esforço praticado por entidades e profissionais que contrariam a atitude consumista e por vezes duvidosa dominante na preservação e administração do património, como o exemplo da vila fortificada de Saint-Macaire no sul de França que tem sido recuperada nos últimos anos por iniciativa do presidente da Câmara e da população através da reconversão de edifícios em alojamentos sociais, recuperando o património medieval e renascentista que se encontrava em ruína.

Outro exemplo é o trabalho pouco conhecido do arquiteto colombiano Rogelio Salmona (1929-2007), que alia as técnicas mais recentes com o testemunho das comunidades e evidencia uma análise atenta ao território onde se insere as suas obras, originando uma obra distinta que preserva a identidade e as distinções próprias de uma cultura.

ANTOLOGIA

Com esta coleção de documentos recolhidos a autora pretende fundamentar as questões levantadas na Introdução, não sendo o objetivo de expor uma história exaustiva do tema do património. É uma seleção variada de documentos de diferentes autores ligados não só à arquitetura e com temáticas diversas que permitem uma leitura mais rica e variada.

São textos tanto célebres como pouco conhecidos pelo público em geral que apesar do contexto europeu, mais concretamente dos casos de Inglaterra e Itália presente na Introdução desta obra, a bibliografia apresentada é em grande parte francesa pelo facto deste trabalho ser apresentado em primeiro lugar ao público francês. Françoise Choay pretende assim transmitir uma postura positiva (“o combate *por*”) nesta luta pelo discurso institucionalizado e universal.



Abade Suger e a memória

O primeiro documento apresentado é da autoria do Abade Suger. De origem humilde o Abade Suger foi uma grande figura da Igreja e interveniente na política que começa com as suas missões a Roma e a sua participação na corte francesa (mais tarde leva a que Saint-Denis seja escolhida como lugar de sepultura dos monarcas franceses). Este documento relata uma série de campanhas realizadas na abadia de Saint-Denis a partir de 1125 aquando da direção de Suger deste espaço religioso e divide-se em dois textos principais: *De Consecratione*, que se refere à consagração e à construção do coro da igreja; e *De Administratione*, mais extensa e divide-se em duas partes, uma sobre a gestão da abadia por parte de Suger e as reformas aplicadas na instituição e a segunda parte sobre a transformação da igreja que termina entre 1148 e 1149.

Este documento apresenta um testemunho relevante da ideia de *monumento e memória* e respeito pelas “antiguidades”, séculos antes de surgir o conceito de *monumento histórico* como os exemplos da reparação do púlpito – “Mandámos fazer a reparação do antigo púlpito que – admirável pela escultura muito delicada e hoje insubstituível, e com as suas tábuas de marfim – ultrapassava qualquer avaliação humana pela descrição das cenas antigas...”³⁹ e a reparação do trono – “...velámos pela reparação do famoso trono do rei Dagoberto...”⁴⁰. Apresenta também um caso de “destruição positiva”, ou seja, justificando-se com a “inadaptação da igreja, devido à sua exiguidade”⁴¹ e modéstia da igreja que não reflete o esplendor merecido ao mesmo tempo que entende a conservação de alguns elementos do edifício seja pelo seu valor memorial ou estético.

39 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 70.

40 *Idem*

41 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 62.

Com o intuito de impressionar os visitantes da igreja com a estética, Suger confia na habilidade dos artesãos, na qualidade dos materiais utilizados e na entrada de luz no interior, que na época era entendida como mediadora entre o plano terreno e plano divino. Apesar de ser uma igreja, não há qualquer impedimento de se utilizar elementos de construções pagãs nas obras realizadas em Saint-Denis quando coloca a hipótese de “ir a Roma – no palácio de Diocleciano, com efeito, e nas outras termas, vimos muitas vezes admiráveis colunas de mármore...”⁴².



Figura 2 - Fundaco dei Turchi, Aguarela de John Ruskin

John Ruskin e a conservação

Nascido em 1819, John Ruskin foi um grande crítico de arte e teórico do século XIX, bem como pintor e militante socialista, é também um dos principais contestantes do discurso intervencionista de Violet-le-Duc em favor da correta manutenção dos elementos históricos.

Ruskin apela pela preservação dos monumentos históricos, nomeadamente da arquitetura gótica, é simultaneamente admirador das novas expressões artísticas.

Não defende apenas a preservação de elementos singulares, pelo que não separa o seu papel identitário na história e desenvolvimento das cidades, sendo posteriormente um dos inspiradores de Gustavo Giovannoni com o seu conceito de *património urbano*. São apresentados três textos diferentes: um extrato da sua obra *As Sete Lâmpadas da Arquitetura*, o panfleto que escreve sobre a reinauguração do Palácio de Cristal em Sydenham e um extrato da sua obra *Pedras de Veneza*.

No extrato d’*As Sete Lâmpadas da Arquitetura*, no capítulo da *Lâmpada da Memória*, John Ruskin lembra a importância da memória e das recordações na vida humana, completando-a. Deste modo, vê a arquitetura como uma ferramenta e testemunho para recordar e conhecer a nossa história. Para uma completa perceção do nosso passado, não basta saber o que os homens sentiram e pensaram pelos escritos que nos deixaram (por vezes a sua veracidade pode causar dúvidas) mas também o que manipularam. Ruskin vê na arquitetura o registo mais fiel e perdurável, podendo até admitir “ter aprendido mais da Grécia pelos fragmentos em ruínas da sua escultura que pelos seus deleitosos poetas e seus historiadores”⁴³. Daí o trabalho preliminar de um projeto de arquitetura como o levantamento de informações no local de intervenção é determinante no entendimento do objeto e do sítio a intervir. Ao reconhecer o papel determinante da arquitetura o autor defende que a arquitetura contemporânea deve transmitir os valores culturais da sua época, bem como preservar a arquitetura histórica que reflita a cultura do passado. Contrariando o pensamento dominante que reconhece apenas

43 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 159.

a arquitetura erudita como relevante e passível de ser preservada apenas como elementos isolados no meio urbano, John Ruskin reconhece a arquitetura doméstica e vernacular como uma grande fonte de inspiração que constitui a maioria do tecido urbano – “Ainda hoje a qualidade das suas mais belas cidades não depende da riqueza isolada dos seus palácios, mas do cuidado posto no acabamento dos mais pequenos alojamentos das suas épocas gloriosas...”⁴⁴. No capítulo da *Lâmpada da Obediência* defende a criação de regras que forme uma unidade no estilo nacional, reflexo da cultura do seu tempo, sem no entanto limitar a originalidade do arquiteto.

No texto *A abertura do crystal palace considerada do ponto de vista da sua relação com o porvir da arte* John Ruskin faz um alerta para os perigos que os monumentos históricos estão sujeitos, precisamente pela atribuição do seu valor cultural, numa fase que em se desperta uma nova arquitetura. Este toma os casos de restauração em França que substituem elementos, mesmo danificados, por cópias fieis no sentido de repor a sua forma integral, mas perde o valor inerente dos elementos no processo de restauro. Não obstante, Ruskin defende apenas o restauro necessário para a integridade do edifício com técnicas compatíveis com a construção de forma a ocultar os novos elementos, onde lê-se: “Mas nenhuma escultura moderna ou nenhuma cópia deverá, sejam quais forem as circunstancias, ser misturadas com as obras antigas”⁴⁵.

44 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 160.

45 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 165.

Este texto revela a apreensão pela sobreposição do valor económico pelo valor cultural do património quando “os edifícios são destruídos sem parar: grandes hotéis semelhantes a casernas e filas de casa de habitação para alugar...”.⁴⁶ De facto, esta é uma problemática muito presente nos nossos dias e que L. Smith alerta na sua constatação da influência do poder económico e político. No fim Ruskin propõe medidas preventivas para a destruição irremediável dos monumentos históricos através de política institucionalizada onde criam-se associações responsáveis pelo levantamento, acompanhamento do estado de conservação, da recolha de fundos e pelas intervenções, tudo realizado por uma equipa de agentes qualificados.

No último excerto do texto *As pedras de Veneza*, realizado após a sua visita a Veneza, está explícito o “valor antropogenético” da obra de J. Ruskin. Com a industrialização e a mecanização do trabalho dos operários e artesão as técnicas tradicionais e valor transmitido para o produto pelo artesão são perdidos. Quando os ofícios são separados numa aparente organização perfeita colocando em vista apenas o produto final, o homem acaba por ser apenas uma ferramenta.

46 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 167.



Figura 3 - Projeto para sala de concertos (1864) de Eugène Viollet-le-Duc

Eugène Viollet-le-Duc e o restauro

Eugène Eugène Viollet-le-Duc foi um hábil arquiteto e historiador com um grande contributo na teoria da arquitetura. Associado a uma restauração arbitrária que levava a resultados dissonantes, Viollet-le Duc realiza nos trabalhos uma investigação meticulosa de forma a revelar os sistemas construtivos e as regras a que o objeto de intervenção estava sujeito e aplica os novos métodos com novas materialidades, sistemas de construção e pensamentos que seguissem estes valores encontrados na obra a restaurar e em simultâneo espelhar as novas ideias que os franceses se identificam no século XIX. O primeiro extrato revela a ausência de manutenção e de uma política que zele pela proteção dos monumentos históricos sentida desde a Revolução Francesa. Os dois extratos seguintes “retirados respetivamente do *Dictionaire* e dos *Entretiens*, devem ser lidos como simples citações sugerindo o carácter complexo e antecipador da obra de Viollet-le-Duc”⁴⁷.

O primeiro texto *Manutenção e restauração das catedrais de França* compara os estados e preservação dos monumentos históricos de Inglaterra e França, quando os ingleses realizam uma manutenção constante dos seus edifícios medievais que procuram manter a sua arquitetura nacional e em França faz-se ainda o apelo por parte dos políticos, do clero e dos críticos de arte para a tomada de medidas para a preservação do seu património. O que faz falta segundo Viollet-le-Duc é uma aposta na formação de novos profissionais capazes de realizar os trabalhos de restauro com as ferramentas e conhecimentos adequados, daí criticar o ensino da Escola de Belas-Artes que promove uma arquitetura neoclassicista e impede assim o despertar de uma nova arquitetura inspirada na arquitetura nacional. Propõe deste modo um ensino prático das técnicas construtivas e dos materiais aliada ao conhecimento teórico da arquitetura nacional (arquitetura gótica).

⁴⁷ CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 176.

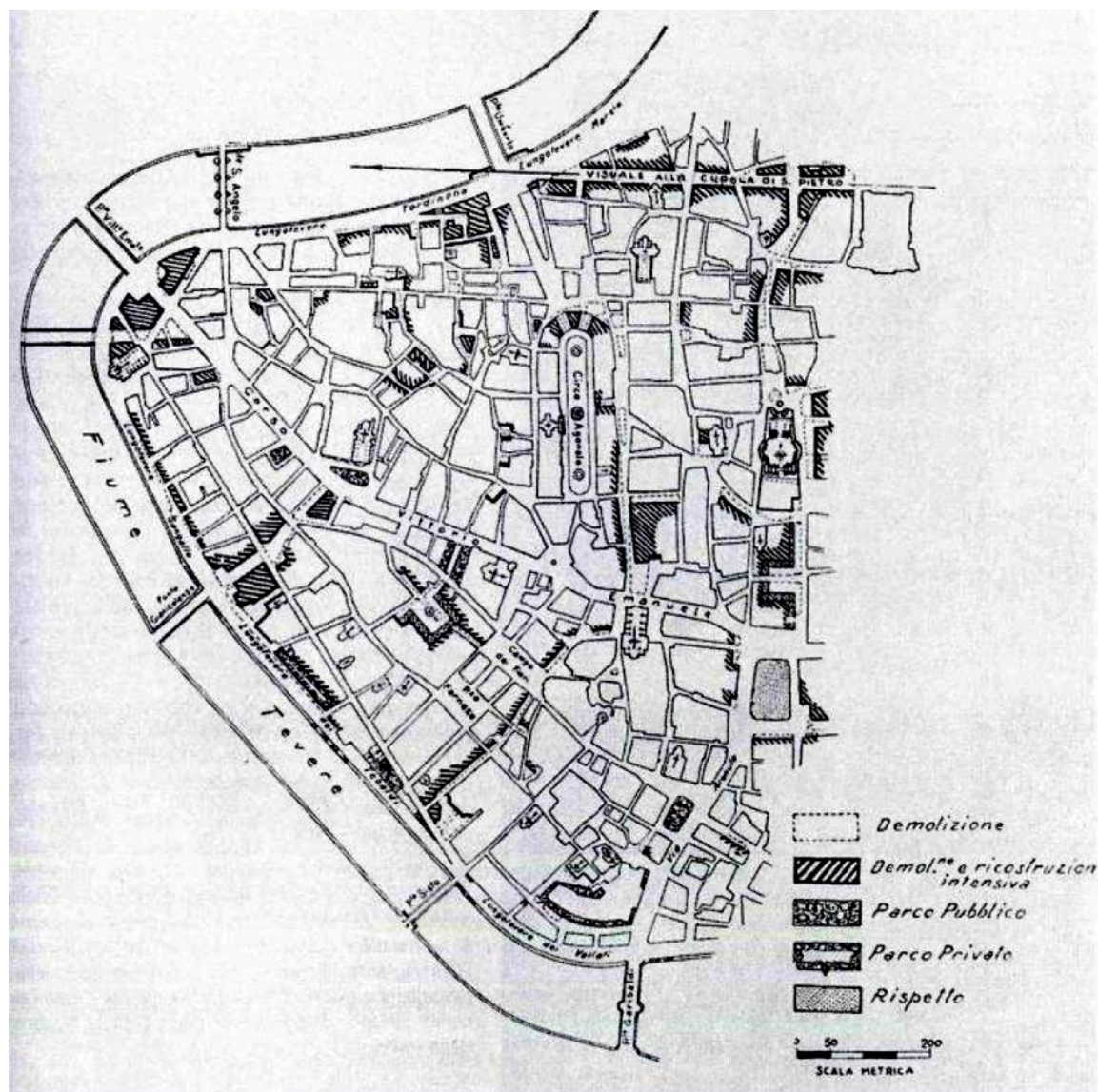
Denuncia ainda a tendência para a demolição ou a ruína dos edifícios e a nova construção descontrolada que acaba em desuso, sendo mais uma justificação para o reaproveitamento do edificado existente e dotá-lo de uso contínuo, bem como obter uma economia dos recursos.

No *Dicionário completo da arquitetura francesa do século XI ao século XVI*, artigo “*restauroação*” Viollet-le-Duc afirma que o estudo do passado é apenas uma acumulação de conhecimentos, mas sim uma ferramenta no projeto de arquitetura onde “o trabalho retrospectivo apenas faz desenvolver os problemas colocados no futuro e facilitar a sua solução”⁴⁸.

Nos excertos da obra *Colóquios sobre arquitetura* são expostos temas variados. Desde a relevância das diferenças do território, das tradições e dos gostos que contribuem para uma leitura particular dos programas que edifícios contêm, à intervenção do Estado na formação artística que como defende “cada homem de letras, deve procurar o seu caminho”⁴⁹. No fim questiona o rumo da arquitetura monótona e sem carácter resultante da industrialização que suplanta as memórias de um passado com vida e histórias.

48 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 185.

49 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 187.



52 | Figura 4 - Excerto do plano urbano de Roma (1931) de Gustavo Giovannoni

Gustavo Giovannoni e o património urbano

Dotado de muitos conhecimentos de engenharia, arquitetura e história, Giovannoni defende a preservação do *património urbano* e coloca em prática uma conservação viva dos tecidos urbanos de maneira a evitar a sua museificação. Deixa uma grande marca no ordenamento do território com os seus “planos diretores”, na legislação italiana e no ensino universitário. Mais tarde, os seus conceitos são uma influência pertinente na Conferência de Atenas e na Carta de Veneza. A sua visão do património urbano é fortemente influenciada pelas inovações técnicas que se fizeram sentir na Europa no início do século XX. No seu entendimento a evolução da cidade é feita sem esquecer o lugar que a fixa ao passado e que mantém viva a sua memória, sendo conservado como um conjunto urbano juntamente com as construções ditas menores, mas que completam o tecido urbano histórico.

A questão que se coloca é como conciliar dois tecidos urbanos, à partida incompatíveis, de diferentes escalas, edificado e ligações de forma a criar um organismo urbano único. Giovannoni expõe soluções urbanas com a gestão das ligações de comunicação – dissociar (*sdoppiare*) e enxertar (*innestare*), e o desenvolvimento de planos de expansão urbana e gestão do núcleo histórico com intervenções compatíveis com o património – desbastamento (*diradamento*). A expansão descontrolada da cidade com a construção de novos bairros na sua periferia leva à origem da centralidade do núcleo existente e a sua sobrevalorização, levando com que o centro histórico, construído segundo critérios antigos, seja ocupado com programas incompatíveis com a sua edificação (serviços administrativos, de luxo e grandes equipamentos) e à rutura da malha urbana do núcleo com vias de comunicação que congestionam as suas ruas. Gustavo Giovannoni defende assim o afastamento das grandes vias de comunicação do centro histórico para que a circulação de pessoas seja fluída e não perturbe o ambiente particular do aglomerado histórico, a conciliação dos programas entre as novas urbanizações e o património existente e a preservação do ambiente da cidade com a continui

dade das suas proporções, formas e cores, devendo os novos edifícios “manter o tom, mesmo quando procedem de uma nova e audaciosa inspiração (...)”⁵⁰.

O último excerto trata-se de um documento no qual Gustavo Giovannoni resume os as diretrizes do plano regulador da cidade de Roma e onde coloca em prática os seus princípios.

Propõe a conservação do património recorrendo a intervenções modestas, uma melhor gestão dos meios de comunicação ao criar ligações subterrâneas e ligações periféricas de modo a descongestionar o centro da cidade e desencorajar a densificação do núcleo histórico porque “(..) o organismo nuclear existente será sempre desadequado à função de novo centro da vida moderna, da circulação, do desenvolvimento presente e futuro dos serviços públicos”⁵¹.

50 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 199.

51 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 200.

A Conferência de Veneza sobre a conservação dos monumentos e dos lugares de Veneza

A Carta de Veneza é redigida na sequência da conferência realizada em 1964 por arquitetos e especialistas da área do património. Mesmo após 33 anos depois, a Carta de Veneza pouco traz de novo em relação à Conferência de Atenas, o grupo reunido representa grande parte países europeus (tendo apenas México e Peru como representantes internacionais) e o termo *monumento histórico* continua a ser dominante. Contudo, a Carta de Veneza estende o conceito de monumento histórico aos aglomerados urbanos e rurais, bem como às construções modestas (artigo 1º). Privilegia a conservação dos monumentos históricos, sendo a restauração destinada a casos particulares e de grande necessidade.

Destaca-se também a importância da documentação e registo de todo o processo desde a elaboração do projeto de recuperação até a sua execução em diversos formatos.

Unesco e a mundialização do património

A *Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural* dá-se em 1972 e vai sofrendo ajustes e alterações ao longo dos anos e surge na urgência de uma resposta eficaz na proteção do património num esforço internacional. É de facto a primeira afirmação das nações de todo o mundo que marca a supressão dos conceitos de *monumento* e *monumento histórico* para o uso definitivo do termo *património*, como já referido na Introdução por Françoise Choay. Não faz apenas referência ao património cultural, mas passa também a incluir o património natural que ganha grande notoriedade neste documento. Ao contrário da Conferencia de Atenas e a Carta de Veneza que estabelecem uma definição dos termos e métodos de preservação dos monumentos históricos que procura orientar os profissionais nos projetos de recuperação dos edifícios, a Convenção para a proteção do património mundial resulta “um documento essencialmente formal, definindo os procedimentos jurídicos, administrativos, burocráticos e financeiros destinados a enquadrar a dita proteção”⁵².

Das poucas referências ao património cultural podemos constatar:

- “(1) que a relação indissociável que o liga ao património natural não é mencionada;*
- (2) que o valor etnológico e antropológico é atribuído somente aos lugares (e sem dúvida implicitamente às paisagens);*
- (3) que, curiosamente, não somente um valor universal é atribuído aos monumentos de todas as culturas, mas que, além disso, este valor universal é hierarquizado, a Convenção visa um «património universal excecional»”⁵³.*

52 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 219.

53 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 219.

Com a ausência de critérios que definem este valor universal atribuído ao património das diferentes culturas, são as normas e ideias ocidentais que serão adotadas pelas restantes comunidades no mundo.

No fim, Françoise Choay deixa uma breve nota da sua posição ativa na luta pela preservação do património e contra a museificação dos espaços classificados. A autora apenas aborda o património material, deixando de fora do seu discurso o património inatingível, possivelmente por ser ainda um assunto muito recente. A antologia procura elucidar ambos os públicos profissional e leigo, no sentido de reforçar o papel da comunidade na preservação do património. A monografia deixa-nos com algumas questões: o património e a cultura não serão em grande parte uma fonte de poder económico e político? O interesse aparente do património pela comunidade em geral será motivado pela sua estética e procura de uma imagem vintage, esvaziada das memórias e significados? Como podem pessoas, tanto profissionais envolvidos e pessoas pouco relacionadas com o tema do património participarem de modo ativo na sua preservação e gestão? Esta obra é um contínuo processo de pensamento sobre os valores e as problemáticas assentes no tema do património no passado, mas também do presente para o futuro.

USES OF HERITAGE

Laurajane Smith

Laurajane Smith é atualmente diretora do *Centre of Heritage and Museum Studies* e diretora da Escola de Arqueologia e Antropologia, da Universidade Nacional Australiana e é editora no *International Journal of Heritage Studies*. Investiga vários temas como a relação entre o património, a política cultural e os processos culturais das comunidades. Os seus trabalhos teóricos exploram também temas da Antropologia como os movimentos laborais e políticos, bem como questões associadas com o multiculturalismo. Nascida em Sidney, lecionou Estudos Indígenas na Universidade de Nova Gales do Sul (1995-2000) e Património e Arqueologia na Universidade de Charles Sturt (1990-1995). Publicou várias monografias relacionadas com o tema do património da cultura como *Cultural heritage: critical concepts in media and cultural studies* (2007), *Intangible heritage* (2009) e *Heritage, labour and the working classes* (2012). Em 2006 é feita primeira publicação de uma das suas obras mais conhecidas, *Uses of Heritage*. Laurajane Smith questiona o significado atual do património ao mesmo tempo que explora os seus valores imateriais, argumentando que todo o património é inatingível. Faz deste modo uma relação entre os estudos do património, da antropologia e etnologia.

Esta obra pretende desafiar a ideia dominante que o património se refere apenas aos bens materiais e ao seu passado tidos como algo estático. Para Laurajane Smith o património é um processo cultural e social em constante transformação que procura significado para o presente e um ato de lembrança e de construção de memórias que moldam uma comunidade numa ação contínua. O verdadeiro sentido e a nossa ligação com o património não está na posse e na contemplação dos elementos a preservar, mas sim na transmissão de conhecimentos e memórias que nos ajuda na nossa compreensão no presente e na transformação da nossa identidade no futuro.

L. Smith considera outros valores culturais e sociais menos reconhecidos para além do património habitualmente visitado pela classe média. No seu entendimento o conceito de património inibe o seu verdadeiro significado no sentido mais básico em favor da promoção de uma versão da História singular e construída pelas instituições de forma a “regular as tensões

culturais e sociais no presente”⁵⁴. Um dos principais problemas identificados pela autora, bem como por Françoise Choay, é a adoção de um discurso do património ocidental dominante que generaliza o significado do património. Este discurso autorizado do património como identifica L. Smith, privilegia as práticas profissionais da gestão e preservação do património defendidas por um grupo maioritário de especialistas.

Esta obra divide-se em três partes principais, num total de oito capítulos, e baseia-se na investigação de Laurajane Smith na Austrália, Inglaterra e Estados Unidos. Na primeira parte apresenta uma revisão crítica do discurso autorizado e do desenvolvimento do conceito de *património* e a posição de outros discursos alternativos e menos valorizados. Analisa também o património como um processo cultural onde explora os conceitos de *experiência*, *identidade*, *inatingibilidade*, *memória* e *recordação*, *performance*, *lugar* e *dissonância*.

A segunda parte expõe uma crítica ao discurso institucional defendido pelo ICOMOS e a Unesco e das suas consequências na expressão de algumas identidades culturais e sociais, bem como uma análise às Cartas de Veneza e de Burra e da Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural da Unesco. Apresenta os resultados e as conclusões tiradas de estudos e entrevistas realizadas em Inglaterra sobre as “mansões rurais inglesas” e do património mundial do sítio arqueológico de Riversleigh na Austrália.

Na última parte L. Smith estuda usos alternativos e contestados pelo discurso institucionalizado e do seu contributo através da memória e recordações na construção de uma nova identidade social. Apresenta o seu estudo etnográfico e entrevistas realizadas à comunidade de Castleford, Inglaterra. Na continuidade deste estudo, apresenta também o caso dos povos indígenas da Austrália e Estados Unidos que lutam pelo controlo do seu património como ferramenta política. Em resumo este capítulo demonstra como uma comunidade recorre ao seu património para redefinir a sua identidade e estatuto na sociedade em que se insere.

O PATRIMÓNIO

A definição do discurso autorizado do património

Laurajane Smith comenta desde o início que não existe algo chamado de património⁵⁵, opondo-se à imagem que o “discurso autorizado” incentiva de algo de grande escala física e temporal, de grande apreciação estética e técnica e reflexo de um estilo nacional. A autora começa por um estudo semelhante à Introdução da obra de Françoise Choay, *As questões do património*, onde explora as origens dos termos e conceitos relativos ao tema do património que por sua vez dão origem ao que L. Smith chama de “discurso autorizado do património”.⁵⁶

Este discurso determina quem tem o poder (instituições ligadas à preservação do património) de definir e expressar o significado do passado e de criar e transformar processos sociais e culturais do passado e do presente. A origem deste discurso dominante remonta ao sentimento nacionalista e liberal sentido no século XIX numa afeção pelo “passado material”⁵⁷.

O papel dos museus também foi predominante no desenvolvimento do discurso autorizado. Resultado do progresso e do modernismo, os museus transparecem uma identidade cultural e nacional. Exibem as coleções de objetos de interesse que comprovam a evolução e a superioridade da nação que as exibem. Daqui surge um interesse pelos monumentos de valor arquitetónico e histórico que igualmente contribuam para a construção da identidade nacional e ainda no século XIX surgem as primeiras normas para a sua proteção⁵⁸. São criadas nesta época sociedades e grupos que visam educar e informar os profissionais e o público em geral de maneira a sensibilizar para a proteção dos monumentos históricos.

55 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 11.

56 Authorized Heritage Discourse - AHD

57 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 17.

58 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 19.

Esta atitude torna-se recorrente com a ética da conservação. Sem aprofundar muito o tema da conservação por ser abordado no capítulo deste presente trabalho sobre a obra *As questões do património*, o Romantismo revê-se na ideia da paisagem natural e dos monumentos intocáveis. O conservacionismo é aceite largamente pelos entendidos na preservação e acaba por ser mesmo imposto nas culturas não ocidentais⁵⁹. No século XX com a publicação de documentos e Cartas (Conferência de Atenas, Carta de Veneza e a Convenção da Unesco) num esforço internacional, acaba por cimentar o discurso autorizado de forma universal. Este discurso privilegia os elementos e sítios com valor estético e material a serem mantidos para as gerações futuras no sentido de criar uma identidade nacional comum⁶⁰. Na década de 1970 verifica-se uma industrialização do património motivada pelo sentimento de nostalgia por melhores tempos e que resulta num declínio cultural. Com o consumo em massa da cultura esta “indústria” revela uma versão da História pouco verídica de modo a satisfazer a procura do turismo do património⁶¹. Este fenómeno demonstra o grande consumismo por parte da classe média e a ideia de que a preocupação pela preservação e gestão do património fica a cargo de uma classe mais acessível a nível intelectual e económico. Assim revela-se que o público tem apenas um papel passivo na experiência do património como é visto no discurso autorizado.

59 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 21.

60 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 29.

61 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 38.

Os valores imateriais do património

Que conceitos podemos integrar no significado do Património? Existe algo além do edifício e da sua matéria? Neste sentido a análise do discurso autorizado compreende em entender o conceito de *património* para além da informação fornecida da teoria e da crítica do património.

O património não é apenas algo físico e estático pertencente ao passado, é essencialmente um processo cultural em contínuo desenvolvimento. Afirmo até que o sítio de interesse é na verdade redutor na definição de património. Deste modo a autora identifica vários conceitos que são explorados e em conjunto definem o património. A *experiência* vivida nos sítios classificados permite a partilha de memórias e uma oportunidade de manter vivas as tradições de uma comunidade. São estas atividades que transformam o local, não havendo sentido para o “congelamento do tempo” na tentativa de preservar o património.

O conceito de *identidade* assume de imediato a importância da representação física e tátil de uma identidade cultural. Porém, o discurso autorizado tende a procurar uma identidade comum representada por um património de grande escala, o que por vezes não é o mais correto. A identidade pode ser procurada como indivíduo ou comunidade que pode ser apoiada por património material e imaterial.

A *inatingibilidade* revela a subjetividade da definição de património. Uma vez mais o património não é somente a materialidade, são as memórias, as emoções e as sensações provocadas pela visita ao local que completam o significado de património.

A *memória* e a *recordação* permitem a partilha de saberes e experiências, mas são tidas pelo discurso autorizado como fontes subjetivas de conhecimentos, ao contrário dos dados científicos e técnicos em que se apoia. Sejam memórias positivas ou negativas, estas ajudam também no sentimento de comunidade que transformam a sociedade e a sua visão perante o património. Na proposta do Centro Cultural Emmerico Nunes na Quinta de São Isabel são as memórias que ligam este espaço ao programa cultural.



Figura 5 - Waanyi Women's History Project- Projecto liderado pelas mulheres da comunidade aborígene Waanyi para a preservação das suas tradições

A *performance* consegue transformar um local de interesse numa experiência viva e enriquecedora. O uso de figurantes nos espaços históricos pode ser entendido como algo falasioso, mas dependendo da literacia do visitante e a relevância da informação transmitida por estes figurantes, as atuações conseguem ser ferramentas educativas. A viagem e a visita aos sítios classificados pelos visitantes podem ser consideradas também como uma *performance*, o que torna o público num agente determinante no significado do património.

O conceito de *lugar* cria uma tensão entre o argumento que defende a importância dos valores imateriais no significado do património e o argumento da necessidade da posse de um sítio ou do sentimento do indivíduo pertencer a determinado espaço. Para Laurajane Smith estes argumentos devem estar interligados. A intenção de preservar um sítio não deve comprometer as atividades e as experiências lá realizadas. Ao contrário do que o discurso autorizado induz, o sítio será sempre alvo de transformações físicas e percetivas como a Quinta de Santa Isabel em Sines que antes encontrava-se num contexto periférico e rural em relação à cidade, está agora lado a lado com urbanizações e edifícios de maior escala como a Administração do Porto de Sines.

Por fim, a *dissonância* refere-se às incompatibilidades criadas pela observação e interpretação do património. A interpretação por parte dos indivíduos dependerá das suas experiências e conhecimentos. Um elemento histórico pode representar valores diferentes a culturas diferentes, exemplo disso são as comunidades presentes em territórios ex-coloniais.

Todos estes conceitos estão interligados e conferem ao património um “sentido de ação, poder e operação”⁶². Ao considerar estes fatores, o património deixa de ser algo estático e concluído, as ações e os significados subjetivos irão transformar o património num processo contínuo.

62 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 83.

O PATRIMÓNIO AUTORIZADO

A regulamentação e institucionalização do património

Neste capítulo é descrito como o discurso autorizado reflete-se nos documentos oficiais divulgados pelas instituições como o ICOMOS e a Unesco e a sua influência na seleção, preservação e gestão do património. Esta autoridade adquirida pelas instituições nas últimas décadas vem em grande parte do seu envolvimento político tanto a nível nacional como internacional. O principal argumento de Laurajane Smith é a sobrevalorização estética, científica e física dos elementos patrimoniais em detrimento do processo cultural e político presente nestes documentos oficiais. Os processos técnicos de gestão e preservação do património não são apenas objetivos técnicos a cumprir, mas sim parte de processo cultural e daí ser necessário antecipar as suas consequências.

O ICOMOS é uma organização internacional não governamental constituída por profissionais interessados na proteção de espaços e elementos históricos. Adotam assim “cartas nacionais e internacionais”, nomeadamente a Carta de Veneza, na base dos seus projetos. Os elementos constituintes desta organização estão muitas vezes ligados a outras identidades governamentais e não governamentais e abrangem diversas áreas profissionais, o que lhes confere grande legitimidade política. Como já referido por Françoise Choay, a Carta de Veneza é redigida após um Comité constituído por representantes na sua maioria europeus e sendo um dos primeiros textos normativos, torna-se rapidamente uma base fundamental na prática da preservação do património. Escrita com base nas ideias de teóricos reconhecidos do passado como John Ruskin, que é um dos primeiros teóricos a defender a preservação dos conjuntos urbanos, a Carta de Veneza resume-se a afirmações garantidas numa sociedade que se pensava ter alcançado o máximo da evolução cultural. Sendo claro o favoritismo ao património com um grande historial e de características monumentais⁶³, passam a incluir a



Figura 6 - Catedral de Colónia após a 2ª Guerra Mundial

arquitetura modesta, mas sem claras definições para a sua seleção e classificação, e fica apenas a ideia de se tratarem de objetos de curiosidade. Laurajane Smith afirma a importância deste documento na resolução de futuros textos onde as afirmações tidas como garantidas na Carta de Veneza serão transformadas. Estes documentos acabam por formar uma ligação que reforça o discurso autorizado⁶⁴.

O documento resultante da Convenção mundial do património foi alvo de críticas de identidades não-ocidentais na sua definição de património⁶⁵. Este documento é criado na urgência de responder aos perigos que ameaçavam o património, após as duas grandes guerras mundiais. Nas palavras de Françoise Choay, este documento faz poucas referências ao património cultural, no entanto L. Smith verifica a classificação do património cultural em três categorias: *monumentos*, *conjuntos urbanos* e *sítios*. Enquanto que a definição de monumentos e edifícios é clara e consensual, pelo menos no contexto ocidental, já a classificação dos sítios tende a ser dada ao património que não se revê na narrativa do nacionalismo ocidental, como as comunidades indígenas que possuem uma forte ligação de cultura com a natureza⁶⁶.

As definições descritas neste documento dos valores culturais e humanos são propositadamente vagas de modo a compatibilizar com as comunidades de todo o mundo. No entanto, na lista de sítios classificados verifica-se que cerca de metade são na Europa, para L. Smith é a prova da delimitação que o discurso autorizado induz na seleção do património⁶⁷.

Como equilibrar e adaptar o discurso autorizado de forma incluir as diferentes culturas?

Deste modo a Carta de Burra surge na tentativa de integrar os interesses e os valores de uma comunidade na gestão e conservação do património. Porém o discurso autoritário inerente nesta carta deixa pouco espaço para o diálogo e discussão de ideias, um problema identificado também nos documentos anteriores. A gestão dos sítios classificados sob um

64 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 94.

65 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 95.

66 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 96.

67 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 99.

significado cultural que é definido por vários aspetos, é um dos temas centrais do documento. Porém, as diretrizes pouco esclarecidas do quê ou quem dá o significado cultural e da classificação do património torna difícil os casos de “culturas cruzadas” como os Aborígenes na Austrália. A intenção de mudar o discurso autorizado inerente na Carta de Burra, é na visão de L. Smith, abrandada pela forte influência das ideias já cimentadas dos documentos anteriores.

Estes documentos referenciados irão dar legitimidade e influência ao discurso autorizado baseado nos valores ocidentais. Ao mesmo tempo que ajudam na qualificação de um grupo de profissionais, estes documentos tendem a criar uma consciência de identidade nacional e identidade universal. Para Laurajane Smith é necessário reconhecer a nível cultural e político os resultados e as consequências do discurso autorizado para que haja uma mudança efetiva da sua ideologia⁶⁸.

68 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 114.



Figura 7 - Longleat House - Warminster, Inglaterra

A experiência na construção da identidade e a valorização do sítio

Um dos casos de estudo de Laurajane Smith são as mansões rurais inglesas. Vistas como uma grande atração para a classe média e os turistas, são detidas na sua maioria por uma elite da sociedade inglesa que as recorrem como fonte de lucro. Que motivos despertam o interesse dos visitantes por estes sítios? As mansões rurais reforçam uma identidade cultural muito particular e ajudam na construção de uma identidade nacional marcada pela aristocracia inglesa. Com este estudo entende-se um sentimento de integração por parte dos visitantes, que apesar do seu estatuto social, revêm-se nestes ambientes e sentem uma ligação com o passado. Ainda que se questione a sua relevância cultural que não se encaixa no discurso autorizado quanto ao seu valor patrimonial, verifica-se uma procura de afirmação na sociedade por parte dos visitantes, a partilha e criação de memórias e um bem-estar geral. A experiência cultural nas mansões rurais não é, no entanto, dada pelo valor arqueológico ou temporal, mas sim pelo significado contemporâneo na vida dos visitantes. Portanto, este género de património não só se trata de proteção e gestão, mas também de uma experiência onde os visitantes procuram conhecer o seu passado⁶⁹.

69 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 160



Figura 8 - Fóssil no sítio arqueológico de Riversleigh, Austrália



Figura 9 - Sítio arqueológico de Riversleigh, Austrália

Outro caso de estudo é o sítio arqueológico de Riversleigh na Austrália, classificado pelo grande valor dos seus vestígios fósseis desde 1994, reafirma-se o património como um processo cultural num local onde a identificação e o significado de um sítio classificado pode entrar em conflito nas diferentes visões sobre o património. Ainda que a paisagem natural deste sítio classificado não corresponda às normas do discurso autorizado, esta é um dos ícones mais conhecidos da identidade nacional australiana. O discurso autorizado na Austrália é assim transformado de modo a aceitar esta dissonância de uma paisagem cultural.

Laurajane Smith identifica três aspetos neste caso de estudo, a flexibilidade do discurso autorizado de forma a validar narrativas nacionais, que novamente o discurso autorizado é mutável no sentido de utilizar o património como ferramenta por diferentes grupos na sua aspiração social cultural e económica e finalmente as consequências para as comunidades de menor influência que são marginalizados quando o património entra no jogo político de classes dominantes na afirmação da sua identidade política.



Figura 10 - North of England Open Air Museum em Beamish

NOVAS VISÕES PARA O DISCURSO DO PATRIMÓNIO

O património na construção da identidade cultural e social: património industrial

Com transformação do património num produto de consumo para as grandes massas, nos anos 1960/70 verifica-se uma expansão da indústria dos museus na procura de novos formatos de museus, com contextos temporais e espaciais mais específicos, que desafiam os parâmetros tradicionais de museologia. As inovações tecnológicas da altura permitem uma maior interação com o público e uma diversificação de temas expostos. No entanto, critica-se estas mudanças por alterar o entendimento do passado com o intuito de atrair mais visitantes.

Refere-se a um fenómeno que se pode designar de “disneyficação”⁷⁰. Ao interessar-se apenas na resposta da procura pelo património, existe pouco conhecimento das motivações e das atividades culturais e sociais dos visitantes e deixa-se pouco espaço para as suas críticas e interpretações dos locais de interesse que frequentam.

A autora faz o estudo de um questionário realizado no *National Coal Mining Museum, North of England Open Air Museum* em Beamish e no *Tulpuddle Martyrs Museum*, todos em Inglaterra. Este tipo de museus surge muitas vezes em regiões que passam pela desindustrialização e é visto como um apoio na empregabilidade da comunidade local.

Com uma grande variedade de visitantes, recebem na sua maioria pessoas da classe trabalhadora que se identificam nestes museus e na sua história. As medidas estipuladas para estimular as visitas de pessoas de classe média e trabalhadora e de minorias a espaços culturais apenas conduze-as a este tipo de espaços museológicos para a sua educação e conhecimento.

Portanto fica-se pela intenção de atrair as pessoas e pouco se reflete na reformulação dos espaços de interesse⁷¹. Apesar das críticas a este tipo de espaços museológicos, os

70 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 195.

71 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 206.

visitantes encontram aqui, de forma ativa e crítica, com as suas memórias e recordações um sentido de identidade social e culturais⁷². Mesmo que o propósito inicial da visita seja apenas de entretenimento, os visitantes acabam por sentir uma consciência sobre um processo de identidade e significado do local. Um dos aspetos referidos por L. Smith é o sentimento de comemoração por parte dos visitantes ao partilhar as suas memórias e ao conectar-se com o passado através das suas ligações pessoais ou de familiares com a indústria mineira. Deste modo, a construção das identidades com estas visitas dá um novo sentido à vida e ao trabalho contemporâneos.

A autora vê neste tipo de espaços museológicos uma oportunidade de discutir como podem ser exploradas estas novas formas de história e património ditos “não-autorizados”⁷³.

A comunidade de Castleford, no Norte de Inglaterra, utiliza o seu património industrial na transformação da sua identidade social e cultural, numa cidade caracterizada por áreas residenciais e comerciais. Castleford sofreu nos últimos anos um processo de desindustrialização que levou a uma situação de crise de económica e desemprego. O encerramento das indústrias leva à transformação dos espaços como casas de operários e armazéns num estado “limpo”⁷⁴. As mudanças do património construído, que não é abrangido pelo discurso autorizado pela sua caracterização, levam também a uma transformação no ambiente social, as ruas anteriormente cheias de vida encontram-se agora vazias. Laurajane Smith identifica dois aspetos dissonantes: o primeiro é que o património industrial de Castleford não se encaixa nos parâmetros do discurso autorizado, mas que afirma um sentido de identidade e coesão da comunidade que desafia a marginalização do coletivo no contexto cultural e histórico de Inglaterra; e o segundo é o facto de ser uma comunidade com um passado difícil, e além da importância da memória e da recordação no processo cultural do património, demonstra também um impacto no processo social da comunidade⁷⁵. Portanto

72 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 196.

73 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 235.

74 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 237.

75 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 239.

verifica-se um esforço comum através da criação de sítios de interesse que são geridos e contam com a participação da própria comunidade como antigos mineiros que fazem agora visitas às antigas minas. A participação ativa da comunidade leva à partilha das suas memórias sobre um tempo passado, mas não distante. Destaca-se assim a importância destas experiências partilhadas, em conjunto com o património físico, mas também das atividades diárias que dão significado e continuidade destas memórias, funcionando como um elo entre o património tangível e o património imaterial. A definição de *património* surge em Castleford como uma interação cultural complexa entre pessoas, lugar e a memória e um processo de redefinição da identidade de uma comunidade.



Figura 11 - Arte rupestre aborígene - Península Burrup, Austrália

O poder do património

Após o estudo das consequências da gestão e transformação do património por parte de uma comunidade, L. Smith aborda o poder do controlo sobre o património e os conflitos gerados entre o poder político e as comunidades. Tem como referência os povos indígenas da Austrália e dos Estados Unidos que lutam pelo controlo do seu património. Uma das questões aqui levantadas é o tipo de património, não se tratam de grandes construções, são muitas vezes objetos, vestígios de artes ou restos mortais que são retirados dos locais de origem para serem colocados em museus. O discurso autorizado tem dificuldade em classificar ou reconhecer este património, e muitos casos são classificados os sítios e as paisagens. Nas décadas de 1960/70 surgiram protestos pela igualdade de direitos civis e de território por parte dos povos indígenas que viviam ainda as consequências do colonialismo.

Quando o interesse público por este problema aumenta, grupos de arqueólogos e historiadores empenham-se pela preservação dos sítios destas comunidades e do seu legado histórico. Ao apelarem por uma proteção intocável destes vestígios, começa um conflito de mentalidades e tradições. Para estes povos, a ideia de passado é diferente e a existência destes elementos é de uma natureza efémera. As suas tradições e a vivência nos seus locais não devem ser impedidas pela restrição imposta pelo discurso autorizado e pela classe política dominante. O seu património estará sempre em transformação, são muitas vezes objetos históricos, mas continuam a ter grande importância e utilidade no presente. Para a autora, é necessário encontrar um discurso compatível com as diferentes mentalidades e propósitos para este tipo de património.

Conclusão

Laurajane Smith identifica nesta obra um discurso autorizado do património dominante que se apoia ainda nas ideias de uma elite de profissionais que privilegia a monumentalidade e valor temporal. Mas simultaneamente critica este discurso e considera a sua abertura para mudanças, não apenas apoiada tanto por especialistas fora como apoiantes do discurso autorizado. Entretanto continua a favorecer “narrativas dominantes sobre nação, classe, cultura e etnia”⁷⁶. O poder e influência do discurso dominante pelas instituições que o representam e pela legitimidade que dá a determinadas experiências e identidades. Nas palavras da autora, o discurso autorizado é em si uma forma de património⁷⁷. Os casos de luta dos povos indígenas pelo controlo do seu património, por exemplo, podem ser grandes exemplos para as culturas não indígenas.

Como podemos mudar o atual discurso institucionalizado? Como integrar as diferentes comunidades e os seus valores culturais, aceitando as suas divergências, no discurso arquitetónico? Estas são algumas das questões que se revelam apos a leitura da monografia.

Para Laurajane Smith esta obra não é um pedido para reformular toda a teoria do património, é um apoio para novas discussões sobre o tema onde ainda existe muita pesquisa para realizar. Esta obra deixa claro que o património não é algo com que se depara, mas que se constrói e se transforma.

76 SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 299.
77 Idem.

Ligação da vertente
teórica com a
vertente prática

Um dos objetivos principais deste estudo é a aplicação dos conhecimentos adquiridos pela investigação na vertente teórica no trabalho de projeto na vertente prática. Esta necessidade de ligar as duas vertentes reflete-se em no argumento de Françoise Choay que defende um estudo teórico eficaz na formação dos profissionais das áreas da arquitetura e do património⁷⁸. Deste modo as opções tomadas e os métodos aplicados em projeto são fundamentados pelo trabalho teórico. Como já foi referido, o projeto da vertente prática trata-se da reabilitação e expansão da casa da Quinta de Santa Isabel para receber o Centro Cultural Emmerico Nunes. Como é defendido por Françoise Choay, a melhor estratégia para a preservação de um edifício ou conjunto de edifícios existentes é dotar-lhes um novo uso de forma a garantir a sua contínua manutenção⁷⁹. É neste sentido que se propõe as novas instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes na residência da Quinta de Santa Isabel que se encontra atualmente em estado de degradação.

A escolha do novo uso para um edifício histórico deverá também ser sustentada, devendo criar continuidade à história do edifício além de ser compatível com o espaço disponível. A opção pelo programa do Centro Cultural é, portanto, justificada pelo facto de o artista Emmerico Nunes ter vivido na Quinta de Santa Isabel onde criou algumas das suas obras e onde estas poderiam estar novamente de encontro com a paisagem e elementos que serviram de inspiração ao artista. Neste sentido, a ligação da identidade da residência da Quinta de Santa Isabel com a cultura é reforçada. A casa da Quinta de Santa Isabel pode não ser nos parâmetros do discurso autorizado do património, como identifica Laurajane Smith, um monumento histórico como uma grande escala física e temporal, mas representa para comunidade de Sines diversos valores como a importância do comércio da cortiça no século XIX e as memórias dos tempos anteriores à transformação resultante da instalação do porto comercial em Sines.

78 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 50.

79 CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 52.



Figura 12 - Sem Título- Pintura da paisagem de Sines , Emmerico Nunes

Neste caso, pode-se identificar o valor da *experiência* como Laurajane Smith explica no capítulo 2 da sua obra, sendo possível a partilha de memórias ligadas a espaço pela comunidade através das suas visitas ao CCEN, bem como a criação de novas memórias através das novas atividades culturais proporcionadas pelo novo programa.

A população de Sines, confrontada com as transformações radicais no território e na paisagem com a industrialização portuária, vê a antiga Quinta de Santa Isabel e outras propriedades como parte do seu património local e da sua identidade cultural.

Verifica-se também a influência do poder político na gestão do património, tema abordado no capítulo 8 de *uses of Heritage*. Enquanto Laurajane Smith se refere aos conflitos entre o poder político e as pequenas comunidades, no caso da Quinta de Santa Isabel em Sines regista-se um conflito entre as diferentes instituições que atuavam na cidade nas décadas de 1970 e 1980. A Quinta de Santa Isabel é primeiro expropriada pelo Gabinete da Área de Sines e posteriormente é tomada pela Administração do Porto de Sines. Já num estado de abandono, houve interesse em reabilitar a habitação na primeira metade da década de 1970 pela Administração do Porto de Sines, mas com as mudanças políticas provocadas pelo 25 de Abril e a incompatibilidade entre o poder local e APS ditaram o fim da intenção da reabilitação da casa da Quinta de Santa Isabel.

Antes de iniciar a proposta para a nova instalação do Centro Cultural Emmerico Nunes procede-se a uma investigação e recolha de informações sobre o edifício e do local a intervir. São realizados levantamentos fotográficos do existente no local de intervenção, recolha de cartografias e fotografias históricas e de informações junto com a população de Sines.

Descobriu-se factos interessantes como o conhecimento da antiga habitação da família Pidwell que muito se assemelha com a casa da Quinta de Santa Isabel. Apesar da escassa informação sobre a Quinta de Santa Isabel, a investigação prévia ao desenvolvimento da proposta da vertente prática permite conhecer o objeto a intervir e tomar decisões em projeto com segurança.



Figura 13 - Casa da Quinta de Santa Isabel, Sines

Considerando os diferentes conceitos de reabilitação como a *conservação* e o *restauro*, o bom estado de conservação da estrutura do edifício e de seus elementos decorativos e o programa do CCEN, é proposto o restauro de alguns elementos arquitetónicos respeitando os sistemas construtivos, mas que providenciem conforto e que sigam as exigências atuais da habitabilidade do espaço. Segue-se o método de conservação de John Ruskin em relação à conservação dos elementos decorativos e dos pavimentos em madeira que se encontram em bom estado e ao restauro e à reposição dos vários elementos estruturais como madeiras dos pavimentos, vigas, estuques e paredes de tabique conforme os sistemas construtivos adotados na construção da habitação. Segue-se também o raciocínio defendido por Eugène Viollet-le-Duc nos casos de substituição de elementos da casa. O elevado estado de degradação das escadas interiores, das caixilharias das janelas, dos tetos do primeiro piso e da cobertura pede a sua substituição integral por elementos totalmente novos.

Os novos elementos são contemporâneos e simultaneamente harmoniosos com o estilo arquitetónico da habitação como as caixilharias das janelas em madeira e de guilhotina, tal como as janelas originais, mas oferecem melhor conforto térmico e acústico.

O programa do Centro Cultural Emmerico Nunes é composto por quatro partes principais: os espaços expositivos, a residência para artistas, os ateliers para artistas e a administração. Devido à complexidade do programa e à área necessária, o CCEN divide-se em dois espaços: um novo edifício com os espaços expositivos e os ateliers para artistas, que exigem mais condições de conforto e controlo do espaço, e a casa existente com a residência para artistas e a administração. Deste modo, evita-se transformações radicais e desnecessárias na habitação existente que possam comprometer os seus valores materiais e imateriais. Com a residência dos artistas, a casa continua com o carácter de habitação, embora temporária, onde os artistas convivem entre si com o apoio dos funcionários do CCEN num ambiente familiar.

A nova estrutura que acolhe o programa principal do Centro Cultural Emmerico Nunes localiza-se em paralelo à casa da Quinta de Santa Isabel e desenvolve-se ao longo do antigo limite da propriedade. O edifício não se encontra ligado fisicamente à casa de modo a não



Figura 14 - Vista aérea da Calheta, Sines (1960/1970)

descaracterizar a mesma. Os dois edifícios relacionam-se com contrastes e similaridades. A nova estrutura é contemporânea com alçados limpos e simples de cor clara e com vãos de grandes dimensões, em contraste com a fachada clássica e colorida da habitação, mas possui escala e proporções semelhantes ao edifício existente. Procura-se destacar os diferentes contextos temporais e culturais, mas em simultâneo proporcionar um equilíbrio de escalas entre os dois edifícios.

A casa da Quinta de Santa Isabel localiza-se atualmente num sítio pouco consolidado com presença de estacionamento automóvel e terrenos baldios. A cartografia histórica e fotografias antigas revelam uma diferente apropriação do local e elementos como o antigo jardim da Quinta de Santa Isabel que são diretrizes para a proposta urbana. Aquando da sua construção no século XIX a propriedade encontrava-se distante do núcleo urbano de Sines.

Atualmente com a expansão da cidade de Sines, a casa encontra-se num contexto pouco consolidado e isolada do conjunto urbano próximo.

Sendo necessário a reformulação do espaço envolvente da casa para sua completa refuncionalização e adaptação da nova realidade no contexto urbano, são propostos novos espaços públicos, o condicionamento da circulação automóvel em privilégio dos circuitos pedestres e a recolocação da Administração do Porto de Sines. A proposta urbana visa ligar os restantes espaços de interesse mais próximos como a Igreja da Nossa Senhora das Salas, Forte do Revelim e os Armazéns da Calheta (que no futuro podem ser recuperados) com o CCEN através dos acessos pedestres. Em conjunto com a análise da cartografia e fotografias históricas, a proposta urbana individual baseia-se também na proposta para a cidade de Sines realizada em grupo que tem como ponto principal um corredor verde que por sua vez liga-se aos espaços verdes próximos das novas instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes.

O propósito desta proposta é conferir um programa à estrutura existente adequado à sua história e que permita a continuidade do seu uso. É uma intervenção simples e assertiva que dispensa transformações radicais e descaracterizadas. Não é pretendido a “congelamento no tempo” ou a recuperação da imagem original da casa quando se refere à sua conservação e restauro, mas sim abrir um novo capítulo no ciclo de vida do edifício e na comunidade de Sines.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas obras analisadas neste trabalho, *As Questões do Património: Antologia para um combate* e *Uses of Heritage*, revelam claramente que a discussão sobre tema do Património está em aberto e marcam uma atitude na mudança do discurso arquitetónico. O estado da arte demonstra também o interesse por parte de outros teóricos e estudiosos sobre o tema desde o estudo dos conceitos e definições dos termos relacionados com o Património ao estudo de casos práticos. A investigação e o resultado do presente trabalho teórico devem ser entendidos como um ponto de partida para a compreensão e estudo do Património, onde as bases teóricas proporcionam um estudo mais aprofundado. Entende-se uma urgência na mudança de posição perante a intervenção e a gestão do Património segundo Françoise Choay, uma vez que a autora defende uma forte aposta na formação dos novos profissionais não só a nível prático e técnico como a nível teórico. A sua obra é resultado desta procura em dar a conhecer outras obras e textos ao público em geral.

Laurajane Smith alerta também para a mudança do discurso arquitetónico corrente baseado em valores e conceitos pouco adequados para o contexto atual do Património. A autora revela a importância de outros valores intangíveis na preservação do Património e o papel da comunidade local na defesa destes valores como a memória e tradição. Em *Uses of Heritage* percebe-se que o discurso arquitetónico deve adaptar-se ao contexto em que é aplicado, ou seja, deve atuar a nível regional e não a nível universal como o discurso autorizado do património.

Este trabalho não fornece uma conclusão definitiva, mas marca o início de um estudo que procura novas ideias e conceitos na teoria do Património, com vista a uma informada prática do projeto.

Índice de Figuras

Figura 1 - Catedral de Saint-Denis, França, in Wikipédia [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Basilica_of_St_Denis	36
Figura 2 - Fundaco dei Turchi, Aguarela de John Ruskin, in Rembrandt's Room [Em linha]. [Consult. Maio de 2016] Disponível em: https://arthistoriesroom.wordpress.com/category/artists-architects/albotto-francesco/	40
Figura 3 - Projeto para sala de concertos (1864) de Eugène Violet-le-Duc, in StudyBlue [Em linha]. [Consult. Maio de 2016] Disponível em: https://www.studyblue.com/notes/n/final-exam/deck/8660575	44
Figura 4 - Excerto do plano urbano de Roma (1931) de Gustavo Giovannoni, in American Academy [Em linha]. [Consult. Maio de 2016] Disponível em: http://www.aarome.org/news/features/randall-mason-looks-at-giovannoni-s-rome-at-the-turn-of-the-twentieth-century	48
Figura 5 – Waanyi Women's History Project, in SMITH, Laurajane - Uses of Heritage . 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 46.....	60
Figura 6 - Catedral de Colónia após a 2ª Guerra Mundial, in World War II in pictures [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: http://worldwartwo.filminspector.com/2014/07/shootout-at-cologne-cathedral.html	63
Figura 7 - Longleat House - Warminster, Inglaterra in Dorwyn Manor [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: http://dorwynmanor.com/longleat-safari-park/	66

Figura 8 – Fóssil no sítio arqueológico de Riversleigh, Austrália in, **Travel Grove** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: <http://www.travelgrove.com/blog/amazing-places/the-best-places-for-fossil-hunting/>.....68

Figura 9 – Sítio arqueológico de Riversleigh, Austrália, in **Getty Images** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: <http://www.gettyimages.pt/detail/foto/site-d-at-the-riversleigh-fossil-site-riversleigh-fotografia-de-stock/150971419>.....68

Figura 10 – North of England Open Air Museum em Beamish in **Wikipédia** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/File:Beamish_Museum_street_scene.jpg.....70

Figura 11 – Arte rupestre aborígine - Península Burrup, Austrália, in **SBS** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: <http://www.sbs.com.au/news/article/2015/05/12/comment-changes-aboriginal-heritage-act-threaten-aboriginal-sacred-sites-wa>.....74

Figura 12 - Sem Título- Pintura da paisagem de Sines , Emmerico Nunes, in **Sapo Fotos** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: <http://fotos.sapo.pt/local/fotos/?uid=CRWQRQfOG1NnP5KtZrK7&aid=7#normal>.....80

Figura 13 – Fotografia do Autor.....82

Figura 14 - Vista aérea da Calheta, Sines (1960/1970), in **Cabo de Sines Fotos** [Em linha]. [Consult. Setembro de 2016] Disponível em: http://cabodesines.blogspot.pt/2013_09_01_archive.html.....84

BIBLIOGRAFIA

Teses e Dissertações

BAGNATO, Vincenzo Paolo - **Nuovi interventi sul patrimonio archeologico: Un contributo alla definizione di un'etica del paesaggio.** Barcelona, Universidade Politécnica de Catalunya, 2013. Tese de Doutoramento.

CÁRDENAS, Elizabeth Arroyo - **Arquitecturas transformadas: reutilización adaptativa de edificaciones en Lisboa 1980-2002. Los antiguos conventos.** Barcelona, Universidade Politécnica de Catalunya, 2007. Tese de Doutoramento.

CARROLA, André Neves - **Reabilitação e conversão do Forte de São Luís de Almádena em hotel de charme.** Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2012. Dissertação de Mestrado.

CERA, Joana Morais Gomes – **Re-habitar o Palácio da Ribeira. Estudo do habitar setecentista aplicado a novos usos. Arquitectura doméstica temporária.** Lisboa, Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 2010. Tese de Mestrado.

COSTA, Igor Cristiano Santos Ribeiro – **Do Património devoluto ao desenvolvimento local sustentável: dois casos de estudo na cidade do Fundão.** Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2013. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, Mariana Fartaria – **Reconversão em Habitação.** Évora, Universidade de Évora, 2012. Tese de Mestrado.

HELLINGHAUSEN, D. Michael - **Rehabilitation for development: an approach to the conversion of old office buildings to housing.** Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1984. Tese de Mestrado.

MANI, Minakshi S. - **The future of the past: on conserving the Melleh of Rabat, Morocco.** Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1998. Tese de Mestrado.

PRESSMAN, Paul - **Converting mill buildings into housing: ways of working with brick walls.** Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1981. Tese de Mestrado.

RIAL, Diego - **Redesenho: novas estratégias em contextos urbanos consolidados.** Barcelona, Universidade Politécnica de Catalunya, 2014. Tese de Doutoramento.

RIBEIRO, Cláudio André dos Santos Ribeiro – **Reabilitação urbana e sustentabilidade. Lx Factory: um exemplo de reabilitação sustentável na cidade de Lisboa.** Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2012. Tese de Mestrado.

RODRIGUES, Luís Filipe Martins - **Património sustentável, (re)pensar a arquitectura: estudo de exemplos paradigmáticos.** Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2009. Dissertação de Mestrado.

SAMPAIO, Cátia Sofia da Silva - **Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro.** Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Catarina Perdigão Clemente da - **Reabilitação de património industrial: seu valor e critérios de análise para propostas de intervenção.** Lisboa, ISCTE-IUL, 2007. Dissertação de Mestrado.

SOUSA, Isabel Cristina Figueira de – **Intervir no Património. Reconversion do Hospital de Desterro em unidade hoteleira.** Lisboa, Faculdade de Arquitetura de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado.

YIN, Chien-Ni - **Change in historic buildings**. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, 1992. Tese de Mestrado.

ZHANG, Wei - **Local Culture on reuse of old buildings in industrial area**. Karlskrona, Instituto de Tecnologia de Blekinge, 2012. Tese de Mestrado.

Monografias

CHOAY, Françoise - **A alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 1999.

CHOAY, Françoise - **As Questões do Património: Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2015.

COUCEIRO, João (coord.) - **Urbanidade e património**. Lisboa: Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, 1998.

GRACIA, Francisco de - **Construir en lo construído: la arquitectura como modificación**. 3ª ed. Madrid: Editorial Nerea, 1992.

HARRISSON, Rodney - **Heritage: Critical Approaches**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2013.

MENEGUELLO, Cristina - **Da ruína ao Património: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra Vitoriana**. São Paulo: Annablume, 2008.

NETO, Maria João Baptista - **Memória, Propaganda e Poder: o restauro dos monumentos nacionais (1924-1960)**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001. (Série 1. Ensaio)

PIÑÓN, Hélio - **Teoria del proyecto**. Barcelona: Ediciones de la Universitat Politècnica de Catalunya, 2006.

SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ª ed. Nova Iorque: Routledge, 2006.

TERÁN, Fernando - **El Pasado Activo**. Madrid: Akal, 2009.

TOMÉ, Miguel - **Património e Restauro em Portugal (1920-1995)**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2002. (Série 2. Argumentos)

Publicações em Série

CORREIA, Pedro Nuno Rosa – Visitar os Clássicos. **GEHA, Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo**. Lisboa: Grupo de Estudos de História da Arquitectura. Nº1 (1998), p. 67-70.

FERRAZ, Marcelo - Reconstrução ou reconstrução? **Minha Cidade**. São Paulo, ano 10, n. 118.01, Vitruvius, maio 2010 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/10.118/3367>>

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira - Originalidade, autenticidade, identidade, valor documental. **Arquitextos**. São Paulo, ano 07, n. 082.01, Vitruvius, março. 2007 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/260>>

MAGALHÃES, Ana Vitória Tereza - Construir no construído, e a metamorfose da cultura urbana. **Minha Cidade**. São Paulo, ano 15, n. 171.04, Vitruvius, outubro 2014 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.171/5318>>.

MORAIS, João Sousa – Reflexões sobre as escalas de intervenção da arquitectura, no património urbano: o caso de Barcelona. **GEHA, Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo**. Lisboa: Grupo de Estudos de História da Arquitectura. Nº1 (1998), p. 39-45.

VERTENTE PRÁTICA

Centro Cultural

Emmerico Nunes

**Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Emanuel Ornelas de Freitas

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Centro Cultural Emmerico Nunes

Tutor:
Professor Pedro Botelho, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE-IUL

Outubro 2016

Índice

Sines	110
Proposta de Grupo	118
Calheta	127
Marina de Sines	129
Clube Náutico	131
Proposta Individual	133
Sítio	137
Quinta de Santa Isabel	141
Espaço Público	161
Centro Cultural Emmerico Nunes	162
Edifício de Exposições e ateliers	163
Casa - Administração e residência para artistas	167
Desenhos Técnicos	168

SINES





Vista do Castelo sobre a baía de Sines

No ano letivo 2015/2016 no âmbito da vertente prática de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ISCTE-IUL, é proposto o exercício lançado pelo Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP, integrado na Trienal de Arquitetura de Lisboa 2016, sob o tema “Sines-Indústria e Estrutura Portuária”.

A cidade de Sines situa-se numa baía no Litoral Alentejano. Vive uma relação estreita com o mar, onde o seu território se desenvolve desde a praia e a marginal até ao planalto onde se encontra o centro histórico. Com forte presença da indústria, a cidade de Sines é circundada pelo porto comercial, por várias indústrias ligeiras, de produção de energia e de processamento de produtos petrolíferos e químicos. Deste modo, o crescimento urbano da cidade de Sines esteve nas últimas décadas condicionado pela indústria. O crescimento urbano de Sines ocorreu junto ao Castelo que se situa em frente da baía, e ao longo do eixo das atuais ruas Teófilo Braga e Vasco da Gama, ligando o antigo rossio da cidade que se localizava na entrada Oeste da cidade, atual Jardim da República, até à ribeira da Calheta a Este, onde existia um pequeno porto de abrigo.

Sendo um local de condições favoráveis para o acolhimento de embarcações e de defesa contra as forças humanas e da natureza, desde cedo Sines conta com a presença de vários povos ligados à pesca, mesmo anteriores à formação de Portugal, como se comprova com os vestígios das salgas romanas. Na Idade Média, Sines sofre um crescimento populacional e um desenvolvimento urbano motivados pelo reforço defensivo da costa marítima portuguesa contra os perigos humanos e naturais. Sendo uma vila piscatória, Sines pouco se altera até à chegada das famílias inglesas ao Alentejo que trazem consigo o desenvolvimento industrial.

Aqui investem, na agricultura, na indústria da conserva e da cortiça, servindo-se do porto da ribeira da Calheta situada a Oeste de Sines.

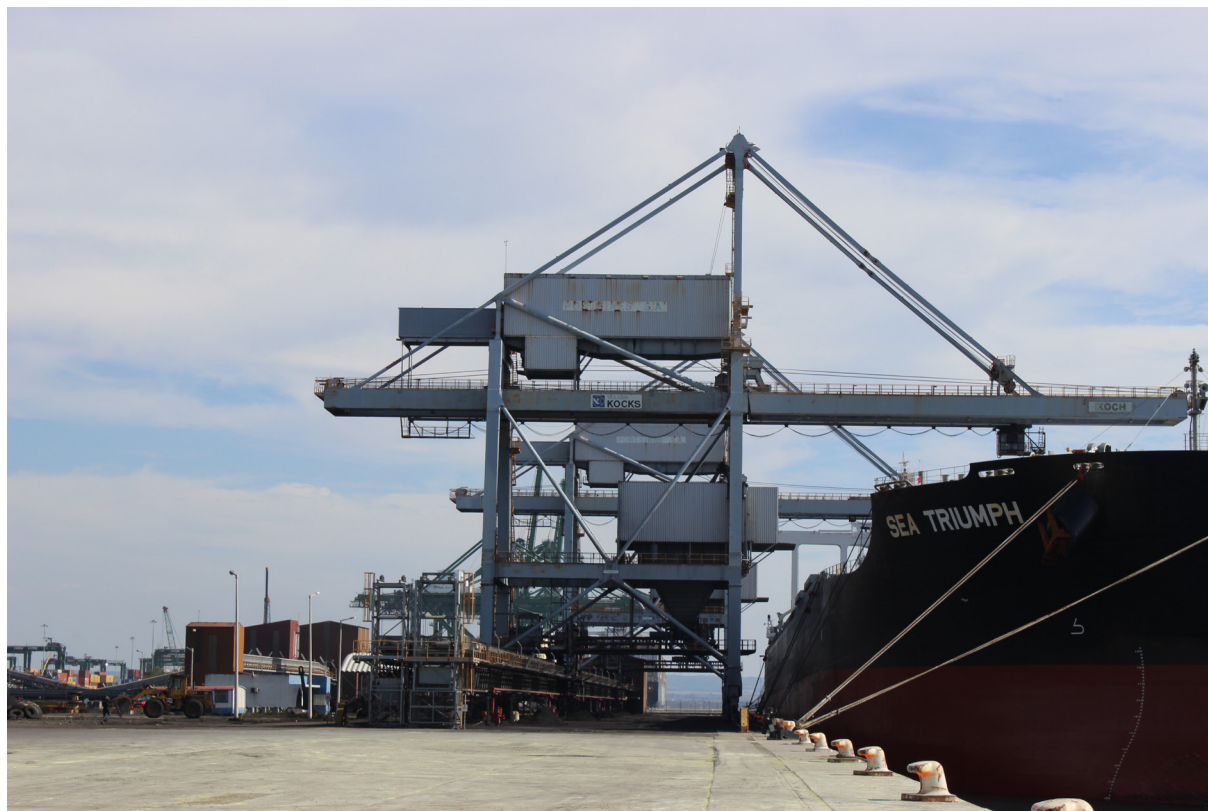


Praia de Sines

Novamente a situação económica de Sines mantém-se inalterada até à década de 1970 com a criação do Gabinete da Área de Sines. O GAS tem como objetivo a implementação no concelho de Sines uma área de indústrias de base e de infraestruturas portuárias de transporte de cargas e produtos petrolíferos e químicos preparadas para a receção de embarcações de grande capacidade.

É feita a expropriação de uma área considerável de terrenos para as novas instalações industriais e para abertura de uma pedreira a Este da cidade que acaba por deixar uma grande cicatriz no território da cidade. Com base no grande crescimento industrial na região, é construída a Norte de Sines a cidade de Vila Nova de Santo André, de modo a receber o grande número de funcionários das novas indústrias. O impacto económico no concelho de Sines, nomeadamente na pesca, leva ao descontentamento da população. Porém, com as alterações políticas e económicas, tanto no panorama nacional como no panorama internacional, o plano do Gabinete da Área de Sines nunca chega a ser concluído e é definitivamente extinto em 1991 após um longo processo de reformulação e dissolução.

Atualmente a cidade de Sines conta um porto comercial, zonas industriais ligeiras (ZIL), indústrias petroquímicas e uma central termoelétrica. Com a sobreposição dos interesses económicos e políticos que levaram à grande transformação do território e da comunidade na região, a cidade de Sines procura agora adaptar o território urbano com novos programas e espaços públicos de forma a melhorar a qualidade de vida da população.



Porto comercial de Sines



Central termoelétrica

PROPOSTA DE GRUPO

A proposta realizada em grupo tem como ponto principal a reestruturação dos espaços verdes da cidade de Sines. É proposto um corredor verde que liga a cidade de Sines com grandes áreas verdes na costa vicentina, nomeadamente a Reserva Natural das Lagoas de Santo André e de Sancha a Norte de Sines e ao Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina a Sul.

Com a instalação das indústrias portuárias e petroquímicas na cidade de Sines na década de 1970 segundo o plano do Gabinete da Área de Sines, verificou-se a uma transformação radical do território em que extensas áreas de floresta e agrícola foram eliminadas para a construção dos parques industriais. A costa marítima sofre também grandes alterações. Para servir as obras do molhe do porto comercial, é aberta uma pedreira a Sudeste de Sines. A pedra aqui extraída é transportada pela atual marginal que percorre a baía de Sines para depois ser depositada no molhe a Oeste da cidade.

A marginal que é construída para este propósito, obriga à destruição parcial do pontão rochoso que limita a praia de Sines a Este, sendo na época um marco da paisagem da baía. Com a desintegração das áreas verdes e agrícolas de Sines, é proposto um corredor verde que liga a Reserva Natural das Lagoas de Santo André e de Sancha e o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, criando assim uma continuidade da mancha florestal do Litoral Alentejano e em simultâneo conectar a cidade de Sines com a floresta próxima.

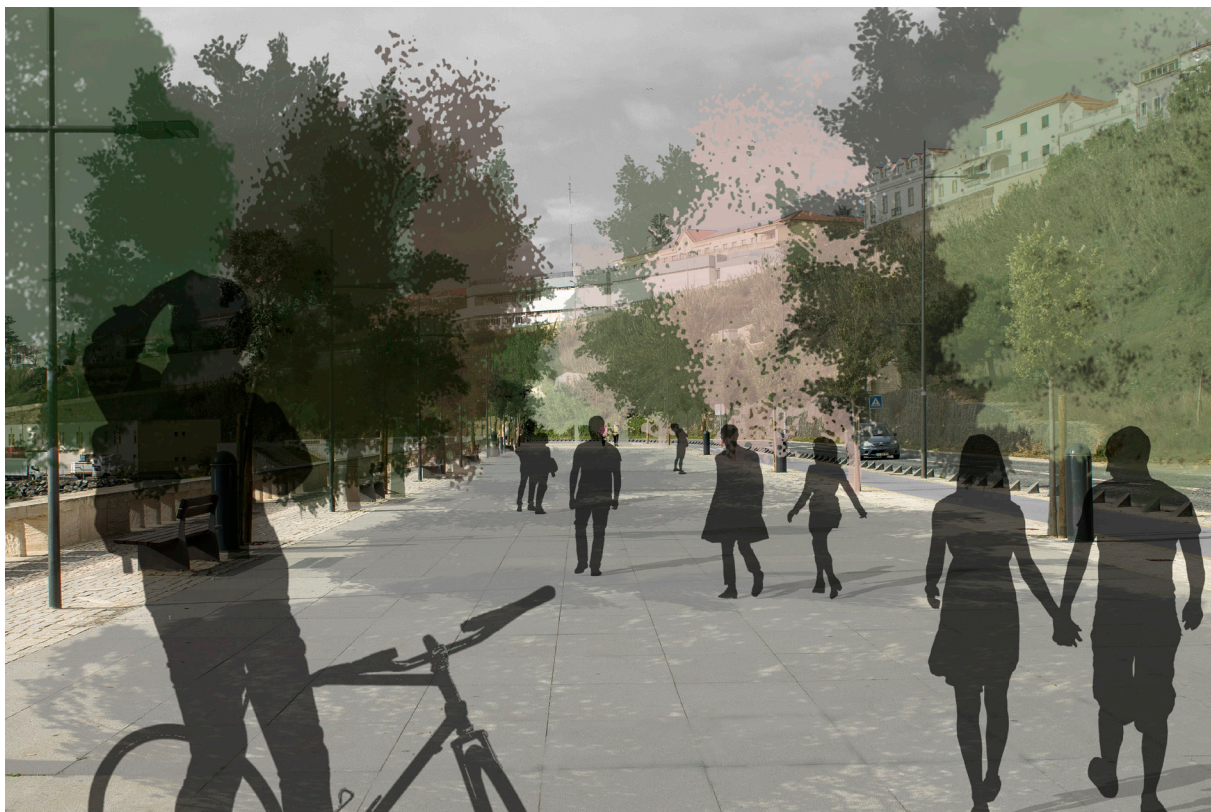
A espécie arbórea mais comum na região é o pinheiro manso, sendo esta a mais privilegiada na proposta grupo em relação à reflorestação. O corredor verde passa pela Avenida Vasco da Gama (marginal) onde atualmente existe um percurso pedonal e ciclovias protegidos por duas filas de árvores que na proposta são reforçadas com árvores de folha persistente na fila interior, ligando-se à vegetação da encosta, e com árvores de folha caduca na fila exterior de modo a permitir maior incidência de luz solar no Inverno.



Vista aérea de Sines, finais do século XX

Desta forma, é melhorado o percurso pedonal na marginal, tornando-o apto para atividades de lazer e recreio e reforçar a sua ligação com o centro da cidade que se encontra numa cota superior. É tido em consideração também a futura expansão do corredor verde para os restantes espaços verdes da cidade de Sines, criando assim uma coesão e continuidade da mancha verde e dos espaços públicos da cidade.

Além da continuidade do corredor verde na orla marítima, a proposta centra-se na ligação de três pontos de interesse que serão depois desenvolvidos nas diferentes propostas individuais: a Calheta/Quinta de Santa Isabel, a Marina e o Clube Náutico, culminando na atual pedreira. Tomado o conhecimento dos futuros planos do porto comercial e da pedreira que ainda abastece a ampliação do porto, é proposto também um parque urbano na pedreira, prevendo a sua integração na paisagem natural de Sines. São apenas dadas as condições de estabilização dos terrenos, sendo que a Natureza seja responsável pela transformação da pedreira ao longo dos anos. Para que seja possível o percurso pedonal e de bicicleta em toda extensão do corredor verde, é substituída a ligação viária que existe a Sul da pedreira por um viaduto, permitindo assim a ligação pedonal entre o corredor verde e o parque urbano.



Marginal no Verão



Marginal no Inverno







Antiga Quinta de Santa Isabel

CALHETA/QUINTA DE SANTA ISABEL

Foi em tempos um espaço de grande atividade piscatória e transação de mercadorias, encontra-se atualmente em abandono e isolado pelas sucessivas intervenções urbanas mais recentes. A Quinta de Santa Isabel, antiga residência da família Pidwell, encontrava-se ligada à Calheta na época em que se comercializava a cortiça e as conservas.

Pretende-se recuperar um espaço esquecido e distante da cidade de modo a ser um ponto de partida para a regeneração desta área de Sines e da área Norte da cidade pela Avenida da Costa do Norte e torná-la parte integrante na cidade.

Com as novas instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes na casa da Quinta de Santa Isabel, esta passa a ser parte de um grupo de edifícios de interesse (Forte do Revelim, Ermida da Nossa Senhora das Salas e os armazéns da Calheta).

É proposto também a melhoria da ligação entre a Avenida Vasco da Gama e o largo em frente à casa de Santa Isabel e da Capitania do Porto de Sines.



Marina de Sines

MARINA DE SINES

A marina de Sines é um dos sítios mais centrais relativamente ao proposto para a requalificação da frente marítima. Encontra-se ligado a dois momentos de grande importância ao longo do percurso, o antigo Pontão, que foi rompido de modo a facilitar o acesso e transporte de pedras retiradas da pedreira para a construção do molhe poente e à “porta de entrada” proposta para o Parque Urbano (pedreira).

Atualmente, a Marina envolve o Pontão sem qualquer cuidado, isolando-o, sendo um local de transição entre o centro histórico, praia, calheta/porto de pescadores e o novo o espaço público de Sines proposto, que se estende da baía, até à pedreira. Deste modo, pretende-se reformular aquela zona devolvendo o devido valor ao Pontão, e servindo como momento de transição para um parque urbano, hoje em dia, um local restrito, que é novamente entregue à cidade.



Clube Náutico de Sines

CLUBE NÁUTICO

Foi o primeiro porto industrial criado em Sines com o objetivo de apoiar a expansão industrial na cidade. Atualmente é utilizado como porto para pequenas embarcações de pesca recreativa e para rebocadores das embarcações de grande porte das atividades industriais.

Encontra-se no limite sudeste da proposta fazendo frente para o parque urbano proposto para a pedreira. Após todo o desenvolvimento industrial que aconteceu na cidade apenas alguns os espaços foram deixados para a população siniense, este representa um dos poucos espaços litorais ainda disponíveis na costa de Sines. Assim, e proposto para a cidade um clube com atividades náuticas recreativas, levando assim a uma maior aproximação da população com o mar.

PROPOSTA INDIVIDUAL

Centro Cultural
Emmerico Nunes





Instalações atuais do Centro Cultural Emmerico Nunes

A proposta individual da vertente prática de PFA incide nas novas instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes na Quinta de Santa Isabel, próxima da ribeira da Calheta.

O Centro Cultural Emmerico Nunes é fundado em 1986 e localiza-se atualmente em frente da Igreja Matriz de São Salvador.

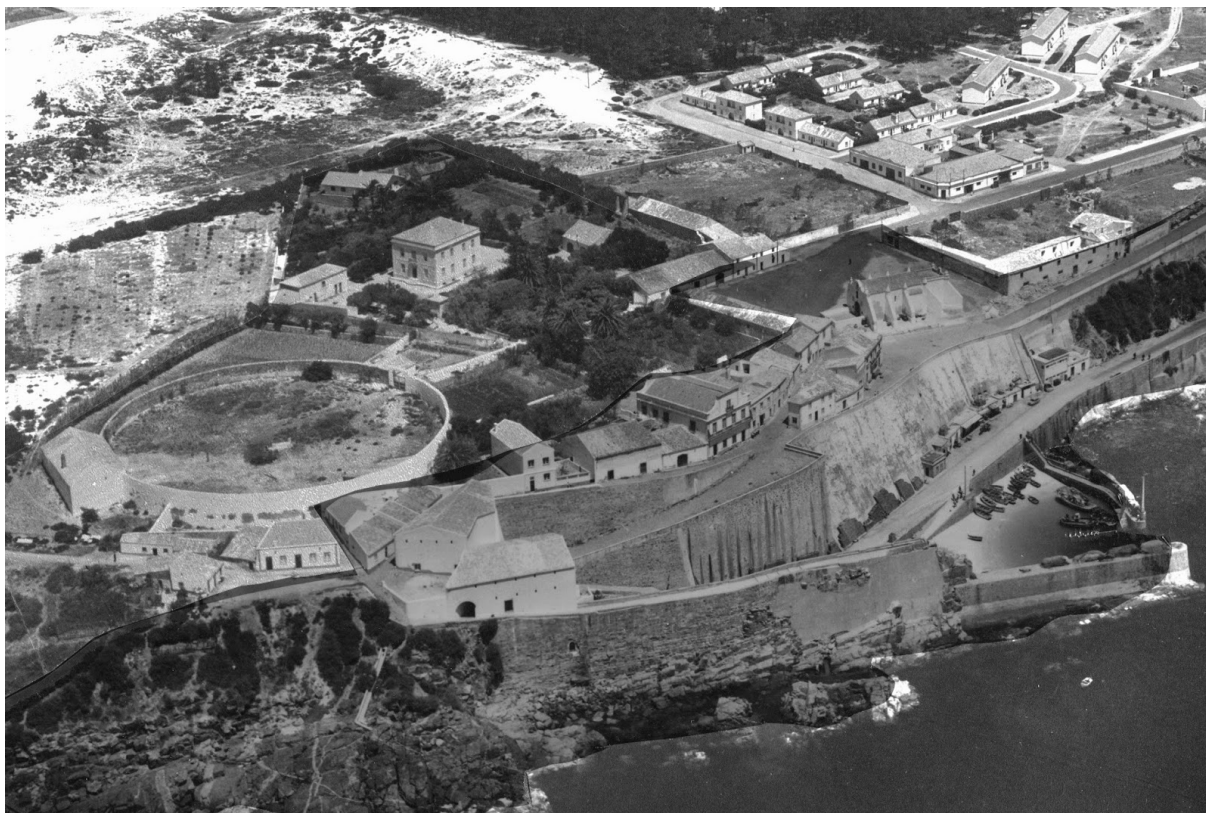
As atuais instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes revelam falta de condições para a exposição de peças de arte, para o seu acervo e para o trabalho dos funcionários. Estas condições devem-se ao facto de o Centro Cultural encontrar-se num edifício histórico (antigo hospital da Misericórdia) pouco adaptado para receber este programa.

Os principais problemas registados após a visita ao local são o pouco espaço de exposição, os acessos dificultados no interior e a ausência de espaço para a exposição do acervo permanente do Centro Cultural.

Atendendo às condições encontradas, é proposto um novo local para o Centro Cultural Emmerico Nunes na Quinta de Santa Isabel, ocupando a casa existente e um novo edifício.

Para além do programa expositivo do Centro Cultural, é proposto também uma residência e ateliers para artistas. Deste modo, reforça-se o ambiente de troca de ideias e conhecimentos, bem como incrementar a cultura artística na cidade Sines.

A escolha da Quinta de Santa Isabel para as novas instalações do Centro Cultural deve-se ao facto de aqui ter vivido o artista Emmerico Nunes, ligando assim o espaço cultural com a figura que lhe deu o nome, bem como reabilitar esta área da cidade de Sines pouco consolidada.



Quinta de Santa Isabel, segunda metade do século XX

SÍTIO

O local de intervenção é a antiga Quinta de Santa Isabel, outrora pertencente à família Pidwell. A história deste sítio e da ribeira da Calheta passa por diferentes eventos e ocupações desde o pequeno porto de pesca e transação de mercadorias até à grande transformação do território provocada pela construção do Porto comercial de Sines e das indústrias na década de 1970.

A casa posiciona-se num local estratégico próximo do porto da Calheta e com vista privilegiada para o mar, motivo provável para a escolha do sítio de construção da residência da família Pidwell por estarem ligados ao comércio da cortiça.

Na década de 1970 a propriedade é expropriada pelo Gabinete da Área de Sines, onde passa a funcionar a sede do GAS em Sines. Com a extinção do Gabinete da Área de Sines o local ficou em relativo abandono, sendo depois pelas instalações da Sede da Administração do Porto de Sines.

A antiga Quinta de Santa Isabel torna-se assim num sítio pouco consolidado com presença de estacionamento automóvel, espaços verdes pouco que surgem como solução pouco eficaz de aprimorar o local, terrenos baldios e casas abandonadas. O material histórico revela uma diferente apropriação do local e elementos como o antigo jardim e terrenos agrícolas da Quinta de Santa Isabel que são referências para a proposta do espaço público.

Encontrava-se também aqui uma antiga fábrica de cortiça, da qual resta apenas parte do muro circular. Na data da sua construção no século XIX a propriedade encontrava-se distante do núcleo urbano de Sines. Com a expansão da cidade de Sines nas últimas décadas, a casa encontra-se num contexto pouco consolidado e isolada do conjunto urbano próximo de carácter habitacional.



Capitania do Porto de Sines, próximo da Quinta de Santa Isabel



Jardim próximo do Forte do Revelim



Casa Morrab em Penzance, Inglaterra

QUINTA DE SANTA ISABEL

Como já foi referido a Quinta de Santa Isabel é construída pela família Pidwell, originária de Penzance, Inglaterra. É construída no fim do século XIX em simultâneo com a casa Pidwell, situada a Este do centro histórico de Sines, próximo do antigo Rossio, pelos irmãos Samuel e Charles Pidwell. A casa é semelhante à antiga residência da família Pidwell em Penzance, a Casa Morrab, atualmente uma biblioteca. Mais tarde, em meados do século XX, vive aqui Emmerico Nunes, casado com Clotilde Pidwell, onde cria algumas das suas obras. Com a expropriação da Quinta de Santa Isabel pelo Gabinete da Área de Sines, a casa foi ocupada pela sede do GAS, sofrendo algumas modificações a nível de instalações de infraestruturas.

A casa possui três pisos e é construída em alvenaria de pedra nas paredes exteriores e em tabique nas paredes interiores, sendo que na cave são paredes de estrutura mista de alvenaria e madeira em treliça. De planta retangular o programa habitacional organiza-se pelo corredor central que faz a distribuição para as diferentes divisões. Na cave encontra-se a cozinha e as restantes áreas de serviço com ligação interior ao piso térreo onde estão as salas de estar e jantar e outras divisões e no primeiro piso estão os quartos de dormir e outros espaços de carácter privado.

A casa encontra-se atualmente em estado de abandono e degradação. Após a extinção do GAS foi alvo de ocupações clandestinas. Apesar da ausência de alguns elementos como janelas e portas, a estrutura do edifício encontra-se em bom estado.

Os casos mais críticos registados são as escadas em madeira dos pisos 0 e 1, a estrutura em madeira da cobertura e a estrutura em madeira do teto do piso 1 devido à humidade da precipitação. Por causa da ausência da maioria das janelas e das lacunas das telhas na cobertura, o pavimento em madeira junto aos vãos encontra-se também mau estado.



Alçado Sul da casa

Outros problemas registados são o destacamento da argamassa de cal das paredes de tabique, o destacamento das tintas das paredes interiores (algumas sendo da ocupação do GAS) e das paredes exteriores, o destacamento e lacunas dos estuques em gesso decorativos nas salas estar e jantar, fissuras e lacunas do reboco das paredes em alvenaria de pedra, destacamento e lacunas do revestimento em azulejo na cozinha, a erosão do reboco das paredes interiores da cave (expondo a estrutura de madeira) e colonizações biológicas nas paredes de alvenaria nos vãos do piso 1 e no sótão.



Alçado Norte da casa



Lacuna no reboco no alçado Oeste da casa



Sala de estar



Sala de estar



Quarto no Piso 1



Parede de tabique no piso 1



Teto no piso



Teto no piso 1



Escadas no piso 1



Escadas no piso 1



Friso decorativo no piso 0



Elemento decorativo na sala de estar



Corredor no piso 1



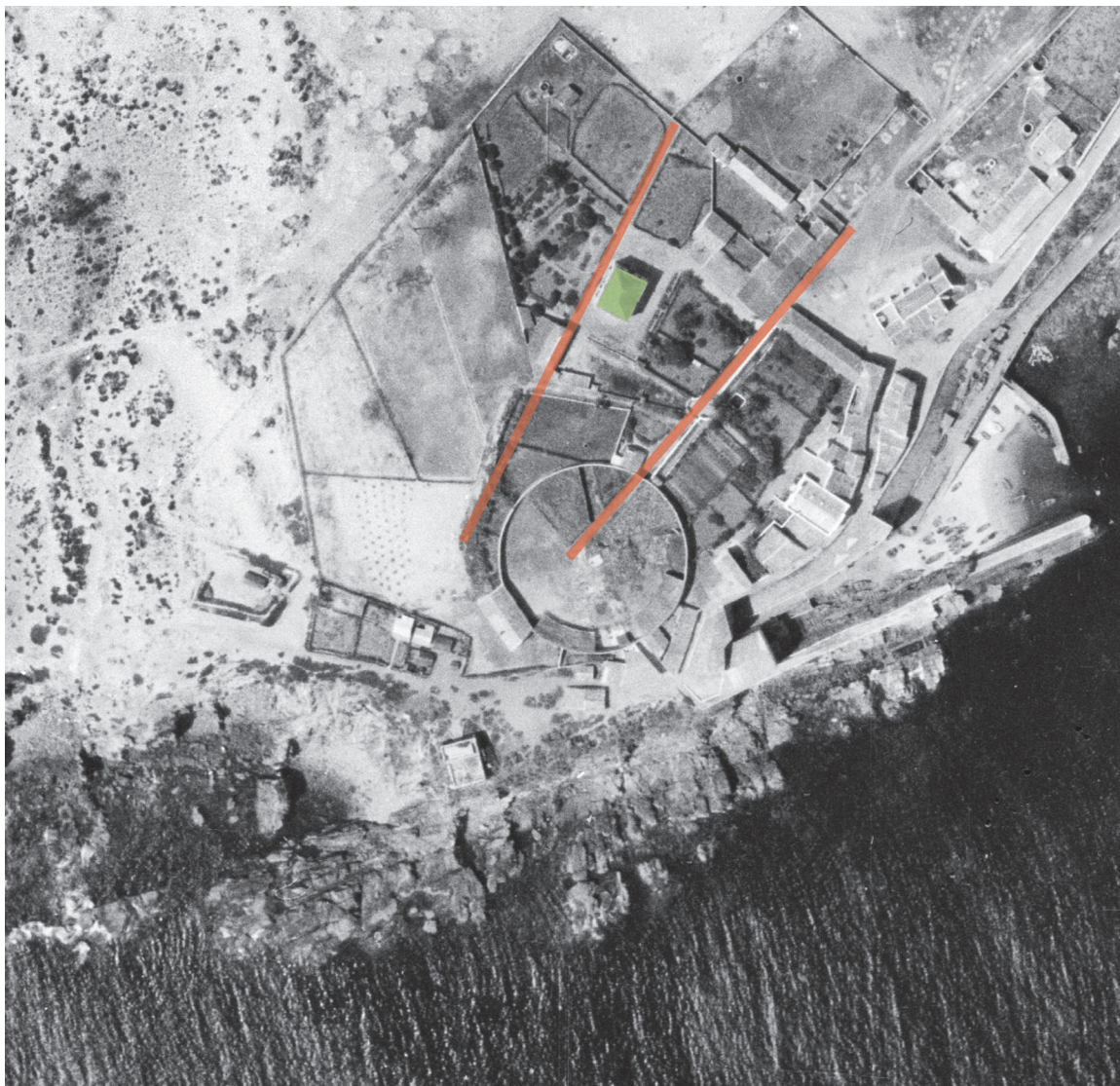
Quarto no piso 1



Cozinha



Parede interior no piso -1



Vista aérea da Calheta, segunda metade do século XX

ESPAÇO PÚBLICO

Sendo necessário a reformulação do espaço envolvente da casa e do novo edifício proposto para as novas instalações do Centro Cultural Emmerico Nunes, é proposto um novo espaço urbano, o condicionamento da circulação automóvel de maneira a facilitar a circulação pedestre e a recolocação da Administração do Porto de Sines. Devido à escala desajustada da sede da Administração do Porto de Sines e à área excessiva do estacionamento, é proposta também novas instalações para a APS que se integram como o novo conjunto urbano e o estacionamento passa a ser subterrâneo, criando área livre para espaços verdes. A proposta urbana visa ligar os restantes espaços de interesse mais próximos como a Igreja da Nossa Senhora das Salas, Forte do Revelim e os Armazéns da Calheta (que no futuro podem ser recuperados) com o Centro Cultural Emmerico Nunes através dos acessos pedestres.

Depois de analisada a cartografia e fotografias históricas, a proposta urbana individual passa pela ênfase do eixo paralelo à casa criado por acessos e limites da antiga propriedade.

Os acessos são feitos pela Rua do Porto Industrial (acesso de automóvel), a Norte, pelo Largo Nossa Senhora das Salas e pelo acesso pedonal que contorna os armazéns da Calheta. Baseia-se também na proposta para a cidade de Sines realizada em grupo que tem como ponto principal um corredor verde, ligando assim o Centro Cultural com a área verde constituída por pinheiros mansos a Noroeste da casa, bem como a restante cidade de Sines através dos percursos pedonais.

CENTRO CULTURAL EMMERICO NUNES

O programa do Centro Cultural Emmerico Nunes é composto por quatro partes principais: os espaços expositivos, a residência para artistas, os ateliers para artistas e a administração. Pela complexidade do programa e à área necessária, o Centro Cultural Emmerico Nunes divide-se em dois espaços: um novo edifício com os espaços expositivos e os ateliers para artistas, que exigem mais condições de conforto e controlo do espaço, e a casa existente com a residência para artistas e a administração.

EDIFÍCIO DE EXPOSIÇÕES E ATELIERS

O edifício destinado às exposições permanentes e temporárias e aos ateliers para os artistas que permaneçam na residência do Centro Cultural Emmerico Nunes estende-se em paralelo à casa da Quinta de Santa Isabel e em alinhamento com a sua fachada Norte.

A fachada Este é composta por uma galeria coberta e limitada por uma arcada de 12 vãos quadrangulares abertos para o espaço verde em frente casa e por uma cortina de vidro que possibilita a comunicação visual entre os transeuntes no exterior e os visitantes do interior e o esbatimento da separação do espaço exterior e interior.

A galeria prolonga-se depois pelo edifício destinado à Administração do Porto de Sines, integrando-o no conjunto de edifícios propostos. Desta forma, o visitante é conduzido pela galeria até à entrada do espaço expositivo marcado pela volumetria da sala polivalente no piso 1. A estrutura é distribuída em vãos de 6m e todo o interior é regulado por uma malha de 0.6x0.6m.

A área de exposições encontra-se dividida pelos 3 pisos, estando os pisos 0 e 1 em *mezzanine* e o piso -1 com triplo pé-direito, que confere uma espacialidade livre ao interior do edifício, bem como uma maior comunicação e ligação visual entre os pisos.

A receção é marcada pelo duplo pé-direito e pelo vão a Oeste que permite a vista para o pinhal. A Sul do edifício encontra-se quatro ateliers de duplo pé-direito. Possuem um espaço de escritório mais reservado e com vista para o pinhal. Os ateliers têm ainda um volume menor projetado para o exterior que permite uma perspetiva diferente tanto para o interior (para os trabalhos dos artistas) como para o exterior através do terraço.

A vista para o pinhal e a luz natural abundante conferem um ambiente calmo para o trabalho dos artistas. A Norte tem-se ainda o bar com entrada pelo exterior e pelo interior de modo a permitir o acesso direto do visitante após a visita ao local e vista para o pinhal no piso intermédio.

No piso -1 encontram-se as instalações sanitárias e outras dependências relativas ao acervo do centro cultural, à receção de cargas através do estacionamento subterrâneo e aos funcionários.

A sala polivalente no piso 1 tem vista para o espaço verde público e permite diferentes usos como atuações ou conferências. Em relação à sua materialidade, o exterior é de betão aparente de inerte claro, o que confere uma forte presença no local, mas controlada pela sua escala equilibrada com a casa existente. O interior é também em alguns casos em betão aparente como nos ateliers e paredes brancas e o pavimento em linóleo acústico cinza escuro.

A simplicidade dos materiais e os seus tons neutros permitem a harmonização do espaço com as obras de arte expostas.

CASA – ADMINISTRAÇÃO E RESIDÊNCIA PARA ARTISTAS

A casa da Quinta de Santa Isabel recebe a parte do programa mais adaptável para a um edifício existente, assim evita-se transformações dissonantes com a estrutura e os valores da casa. A antiga habitação alberga a administração do Centro Cultural no piso 0, aberto ao público, e a residência para os artistas, com os dormitórios e espaços de convívio no piso 1 e a cozinha, lavandaria e outras dependências no piso -1. Deste modo mantém-se o carácter de habitação, sendo neste caso temporária. Possui ainda no piso 0 uma biblioteca e arquivo do Centro Cultural Emmerico Nunes abertos ao público e aos artistas residentes. Pretende-se um ambiente familiar onde os artistas convivem com os funcionários e convidados, mantendo a sua privacidade no piso 1.

Com a estrutura do edifício em boas condições, bem como dos pavimentos e de algumas paredes interiores, é proposto apenas a reconstrução das escadas dos pisos 0 e 1, do teto e sua estrutura do piso 1 e da cobertura. As paredes exteriores e interiores e os pavimentos em madeiras, são apenas alvo de recuperação e reparação, mantendo o máximo possível do existente. As janelas são em guilhotina e em madeira como as originais, mas com vidro duplo para garantir o conforto térmico e acústico da casa. Com a instalação dos quartos de banho, são adicionadas coretes e pavimentos em derivados de madeira com acabamento em mosaico, de maneira a suportar as novos elementos e redes de águas e esgotos e não comprometer as paredes e pavimentos originais.

A proposta de reabilitação da casa passa pela reparação dos elementos existentes, a substituição dos elementos irrecuperáveis por elementos semelhantes, mas adicionando novos elementos que possam aumentar o conforto do edifício sem comprometer a sua identidade.

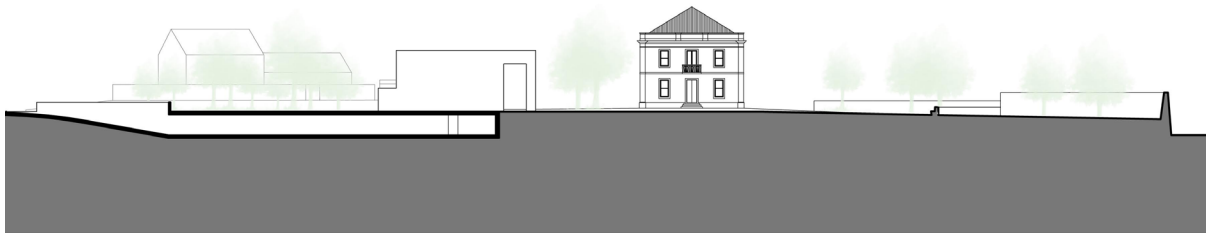
DESENHOS TÉCNICOS



Planta de Implantação

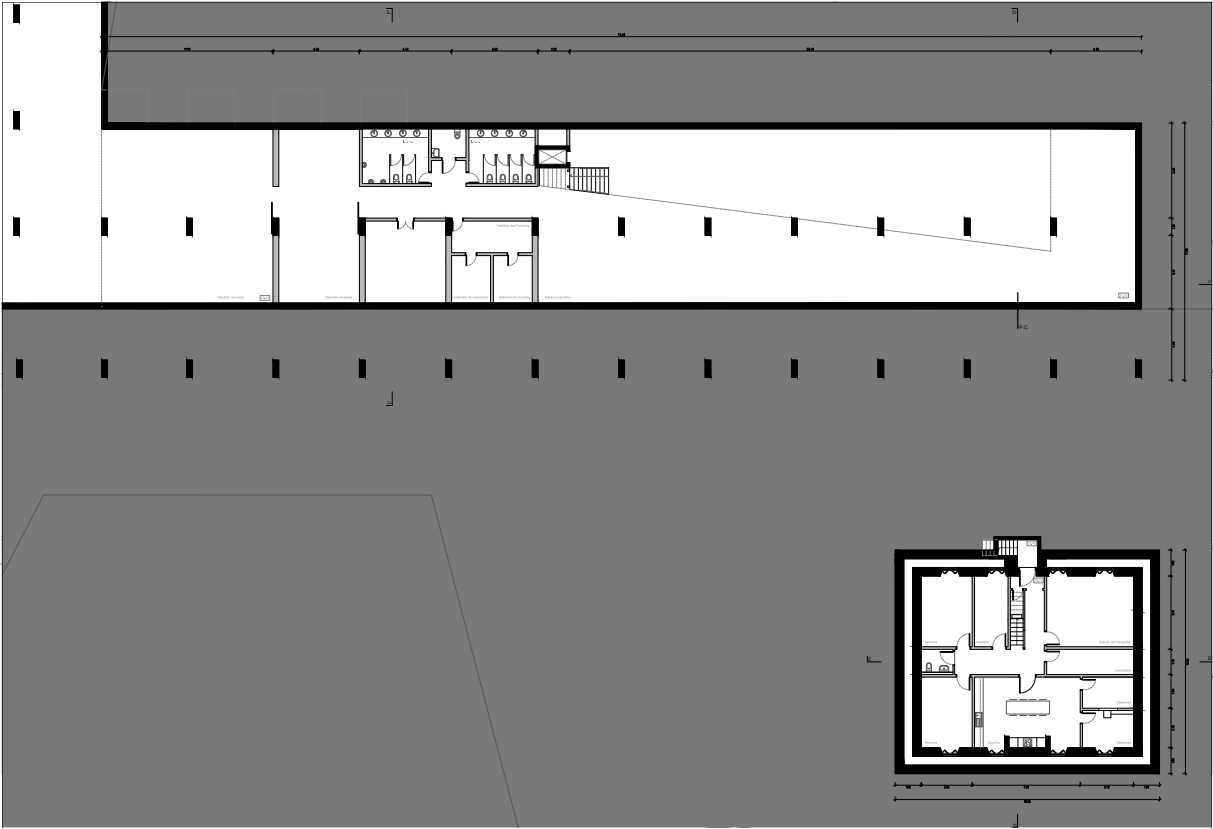


Corte Longitudinal

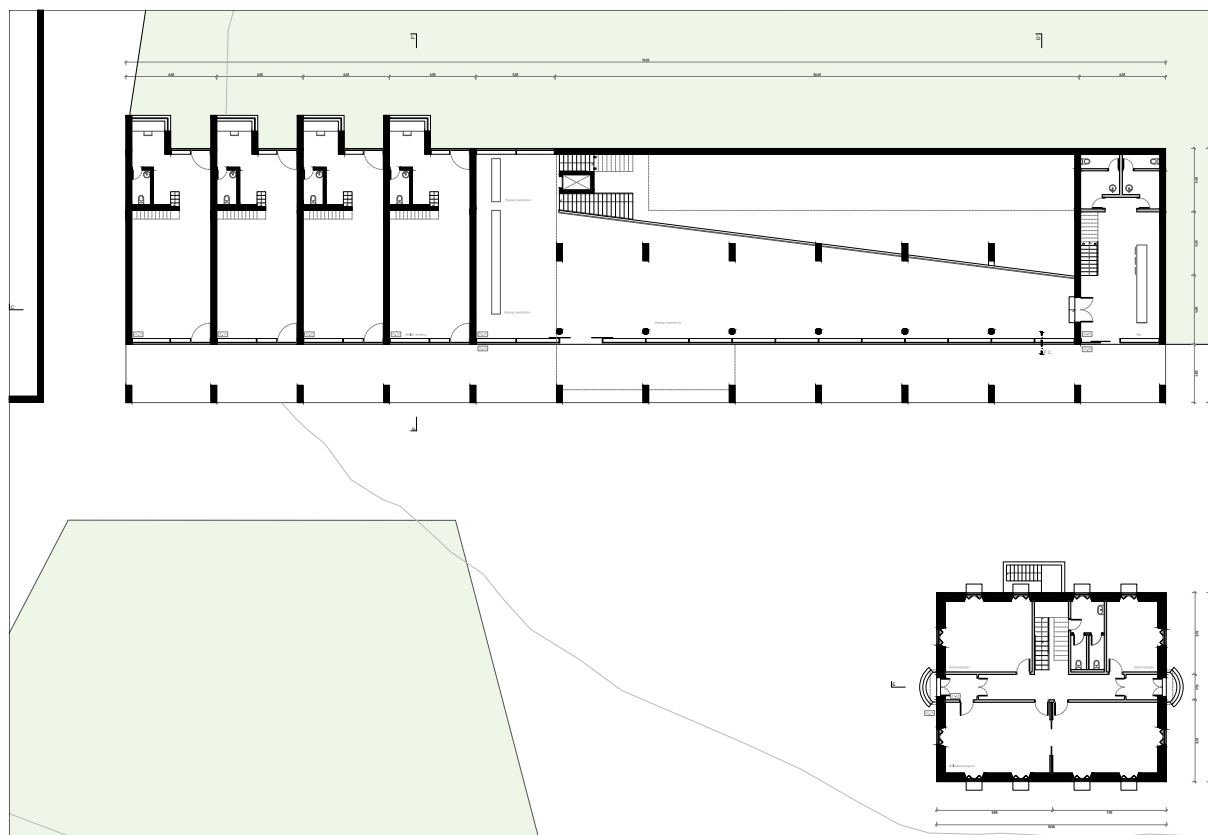


Corte Transversal

Centro Cultural Emmerico Nunes



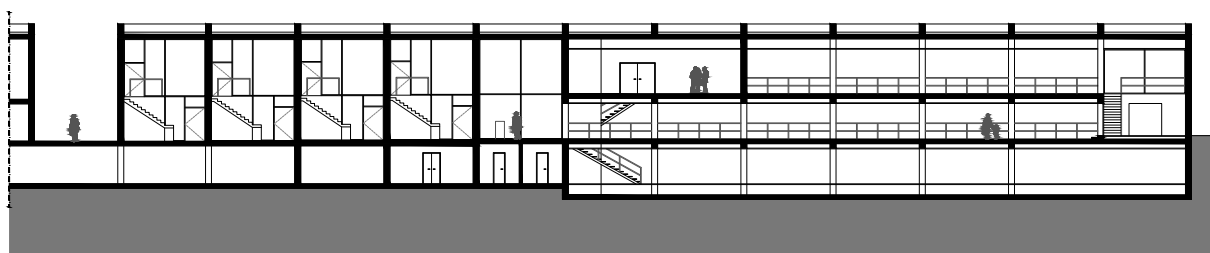
Piso -1



Piso 0

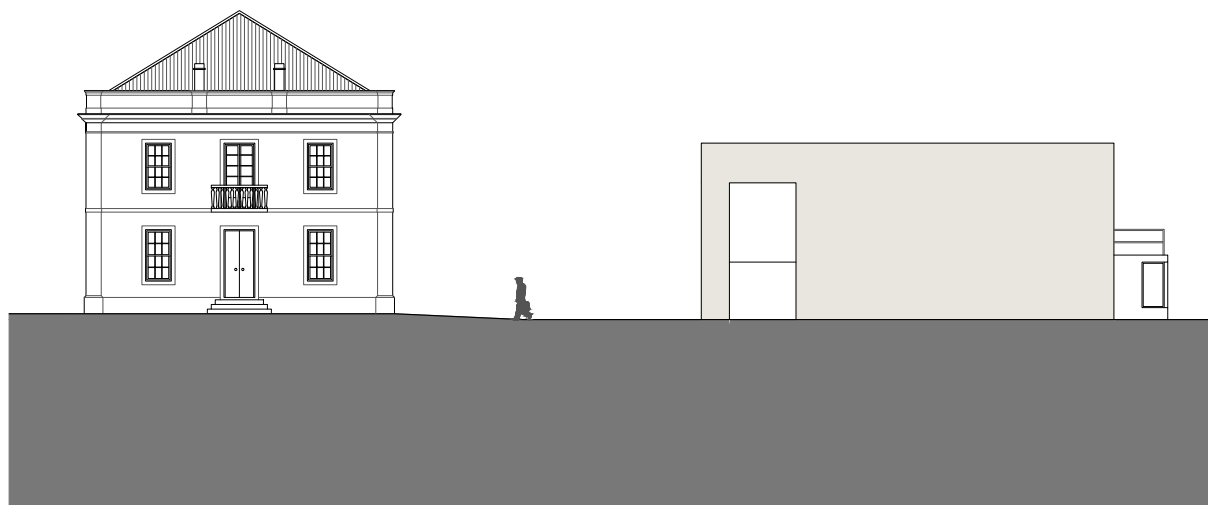


Alçado Este

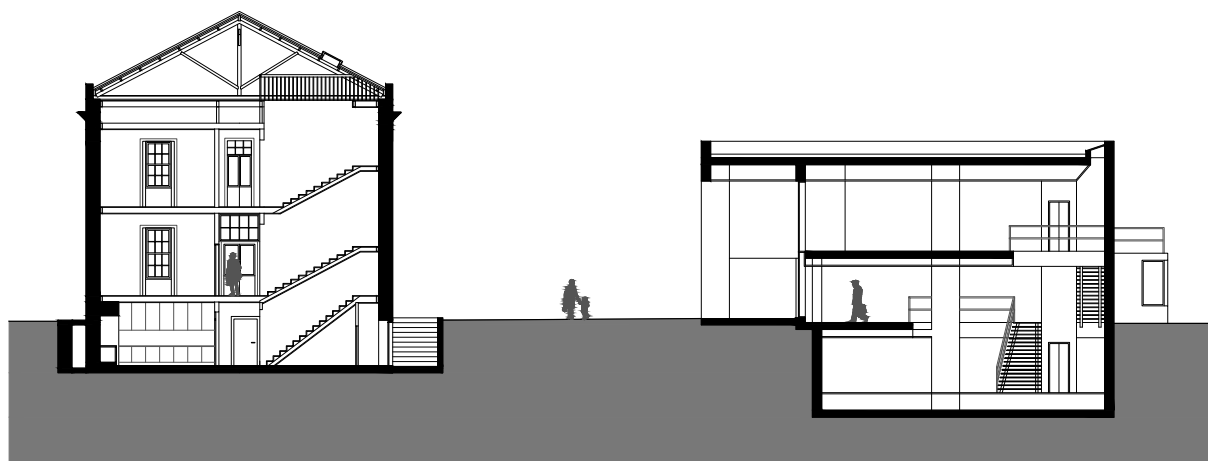


Corte CC'

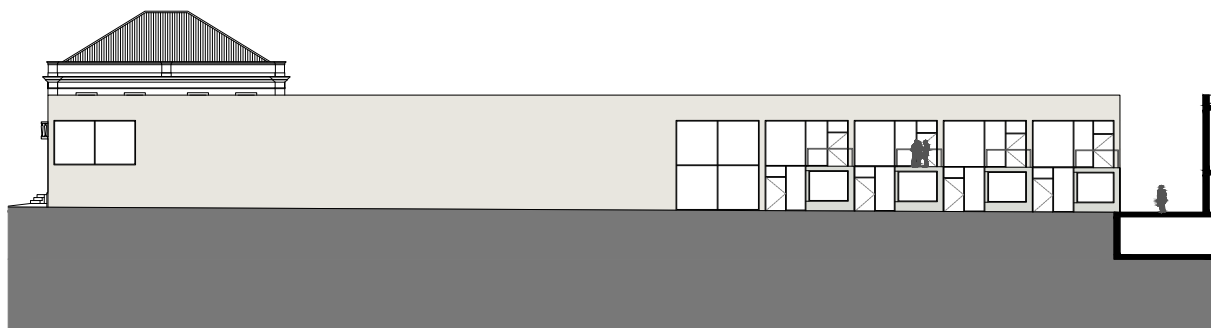
Centro Cultural Emmerico Nunes



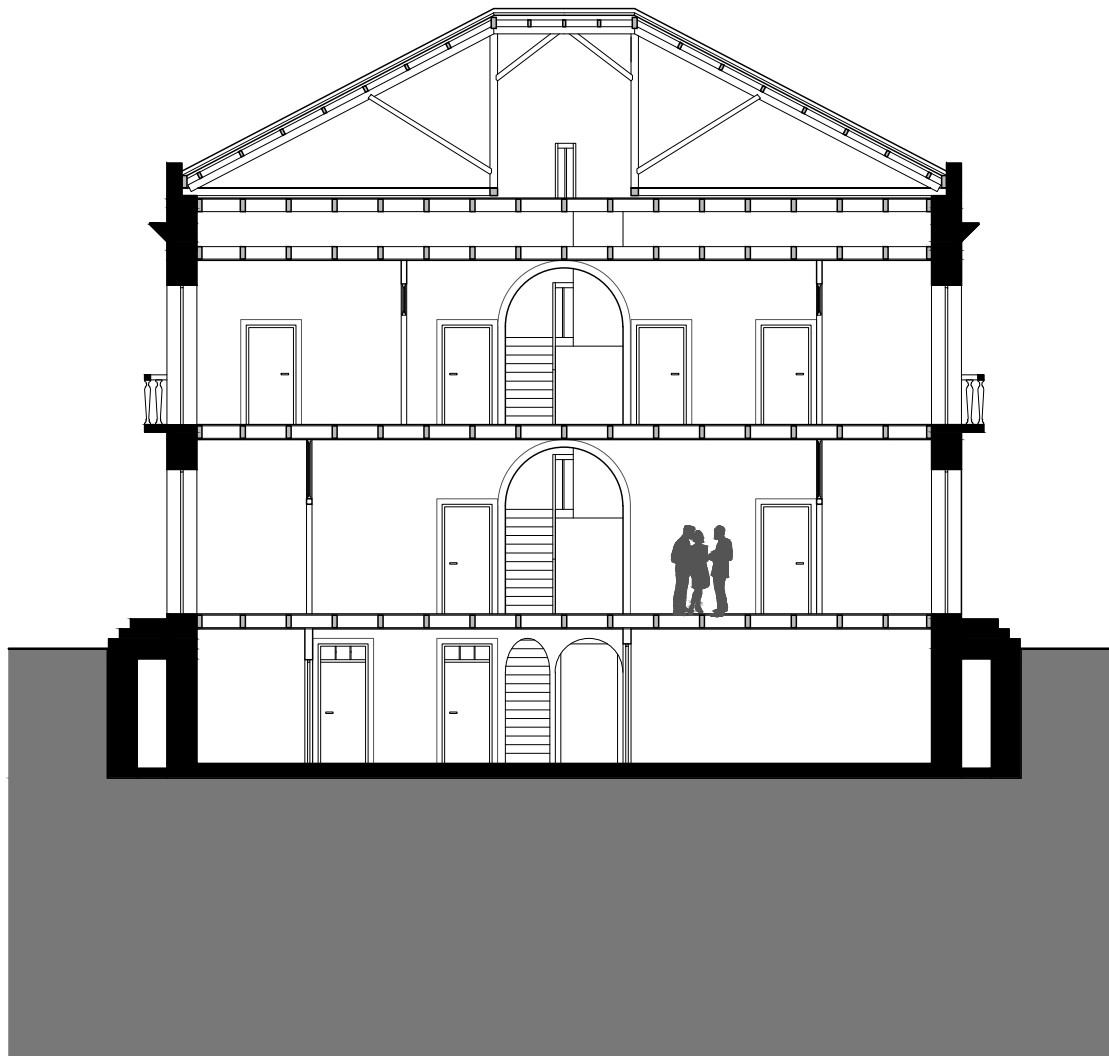
Alçado Norte



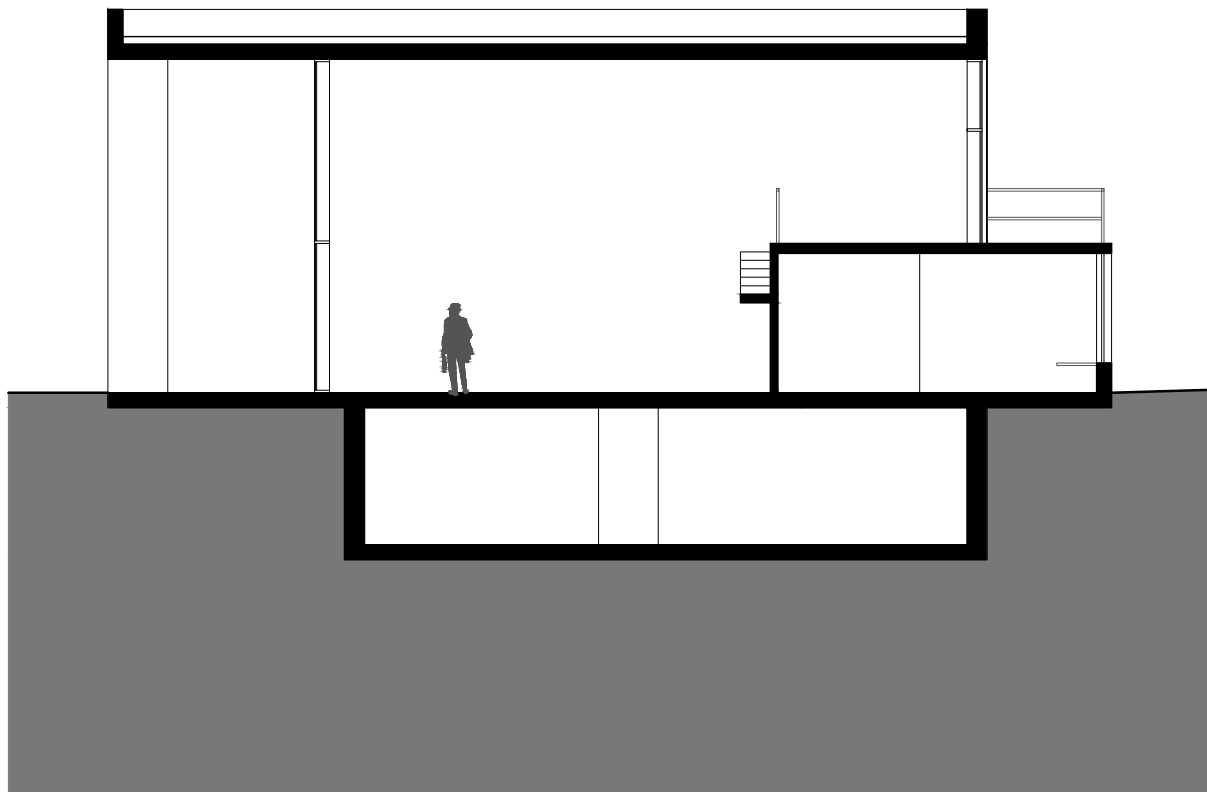
Corte DD'



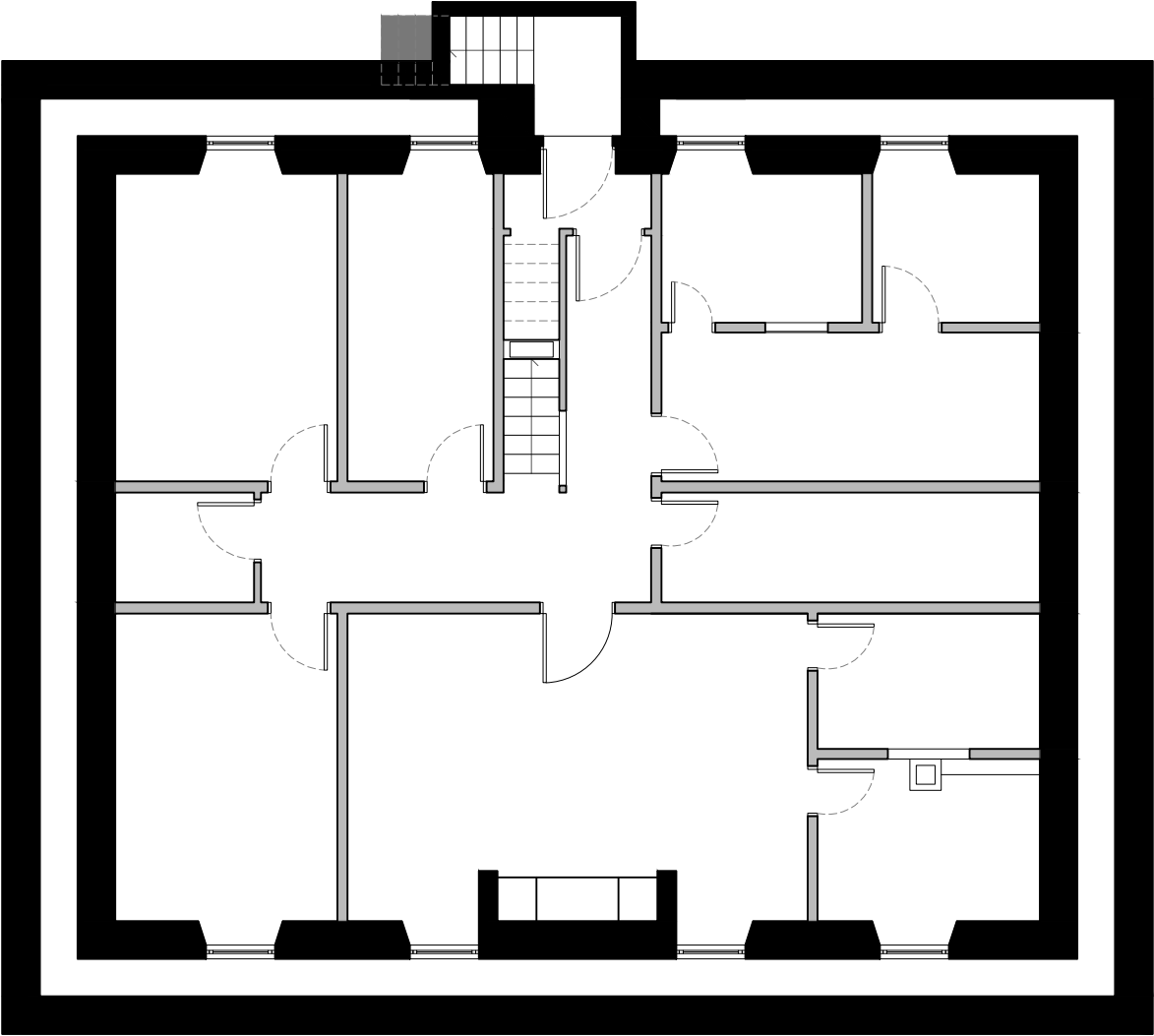
Alçado Oeste

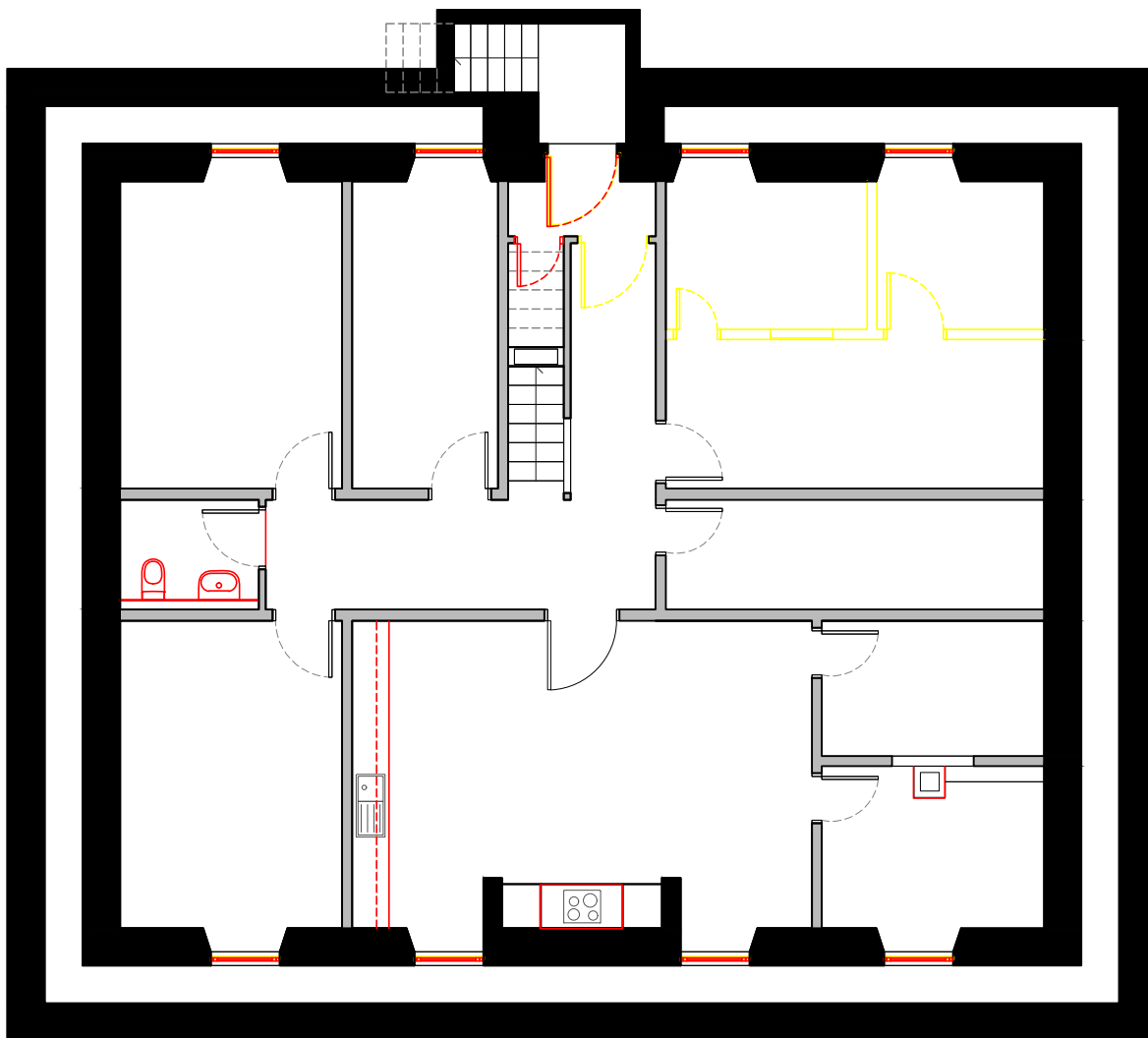


Corte EE'

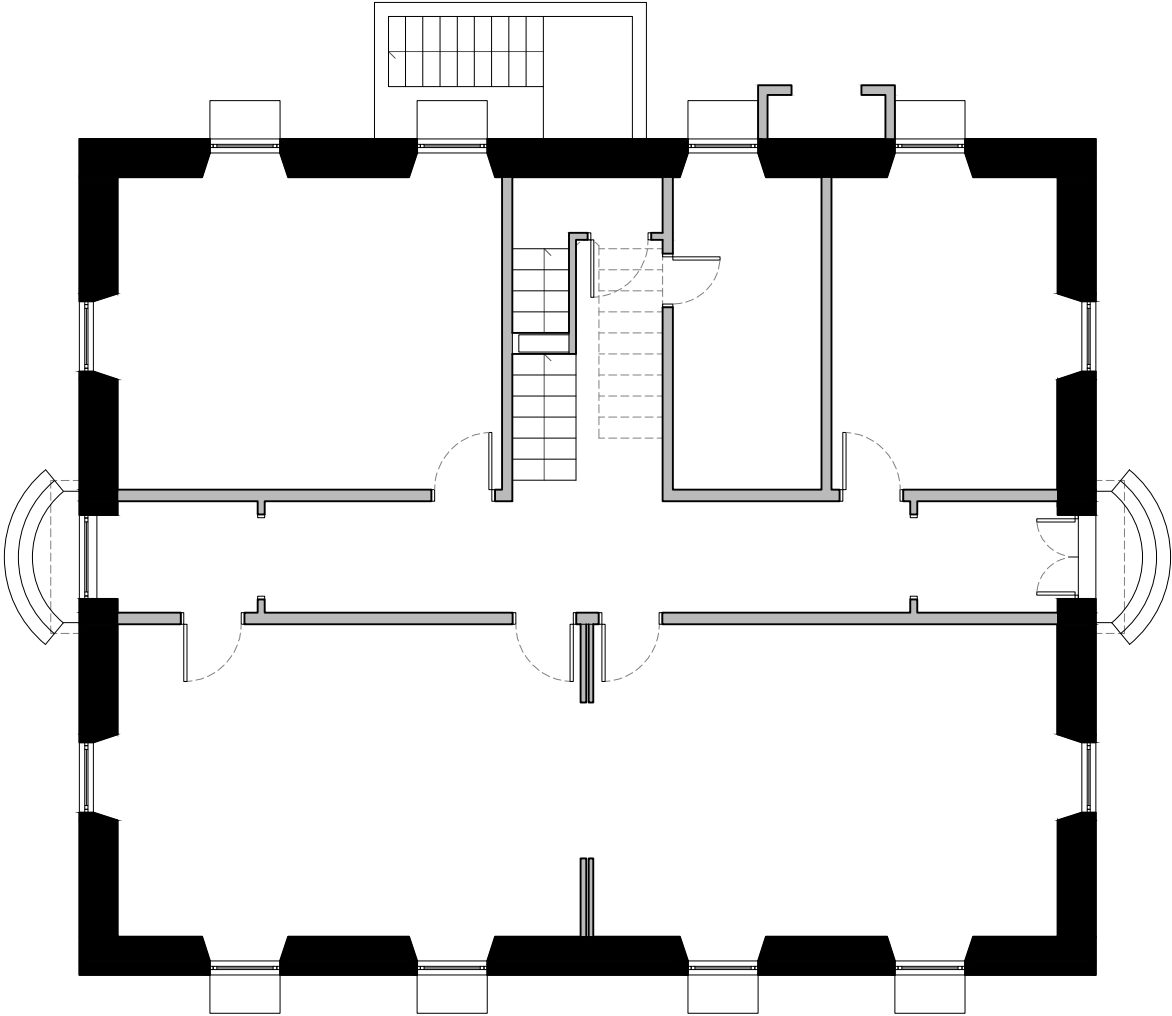


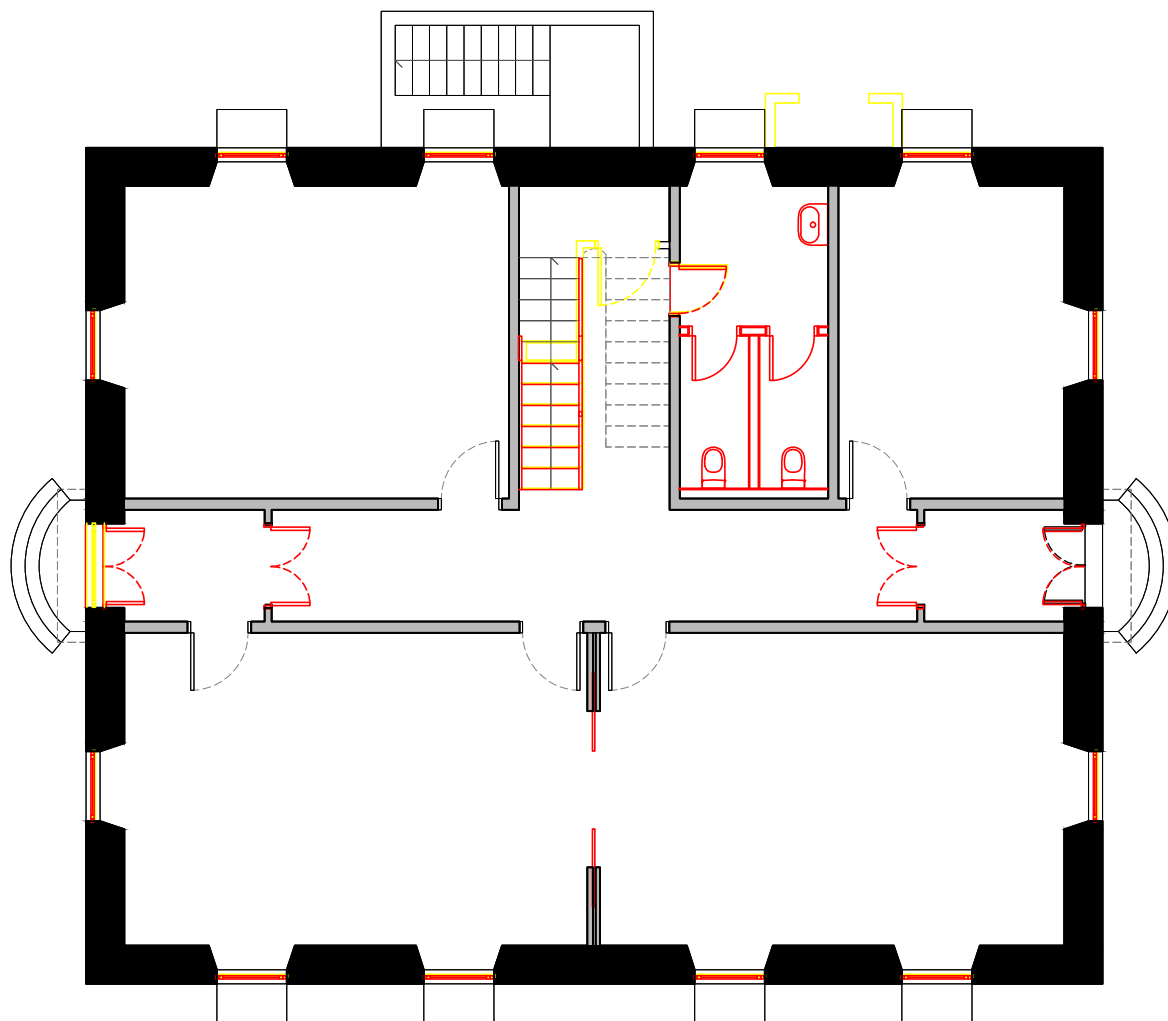
Corte FF'



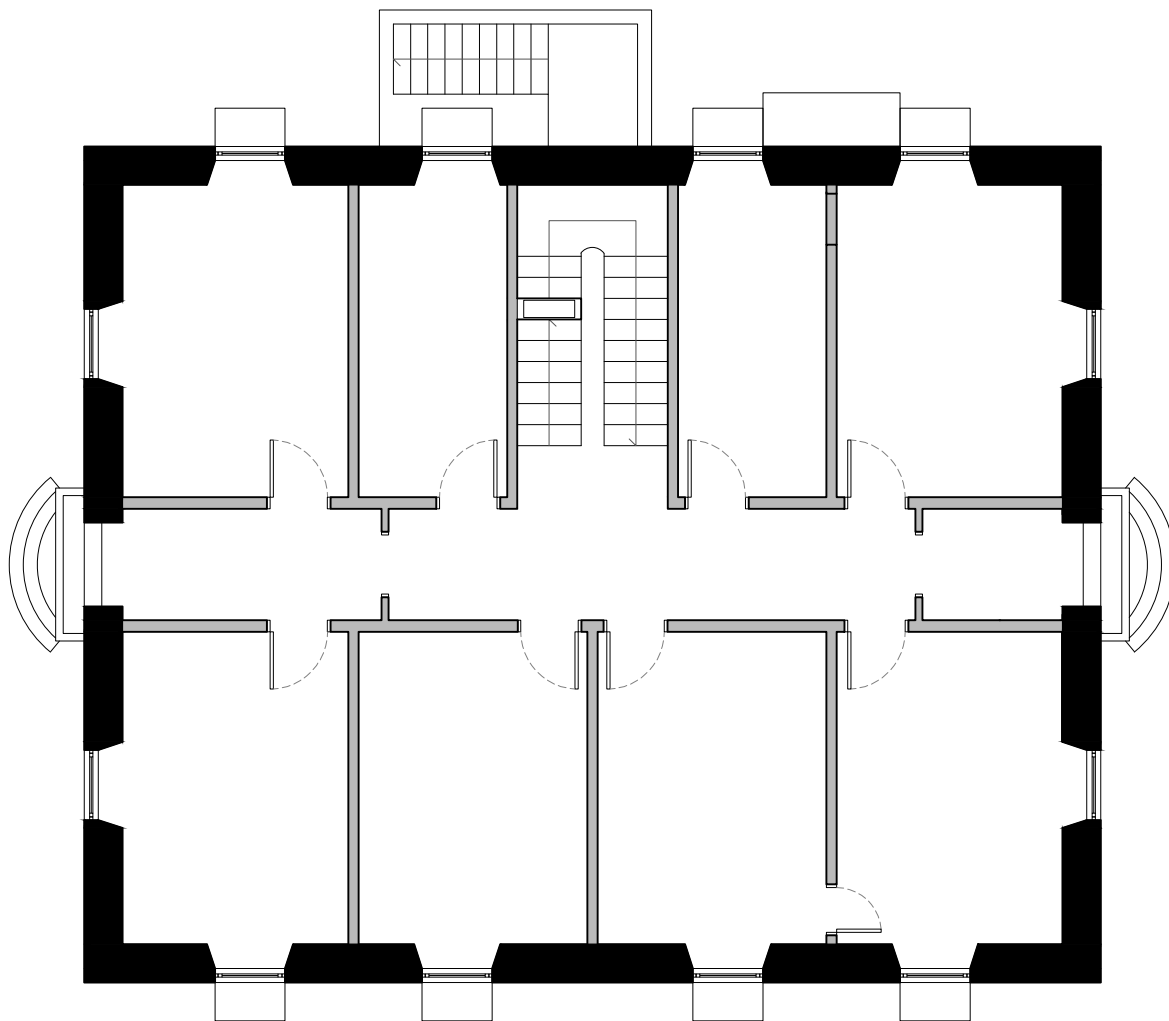


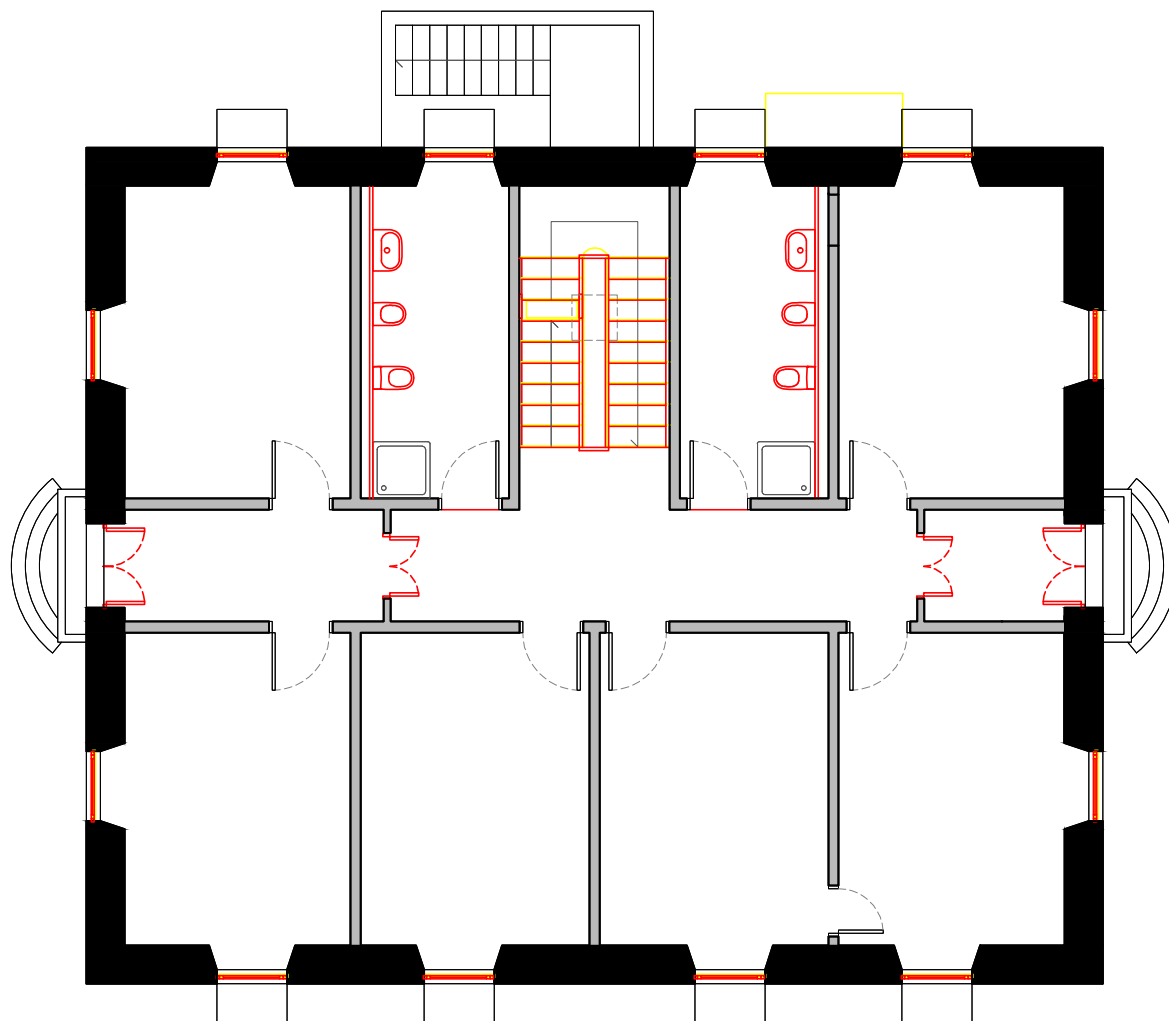
Piso -1 - Demolição/Construção



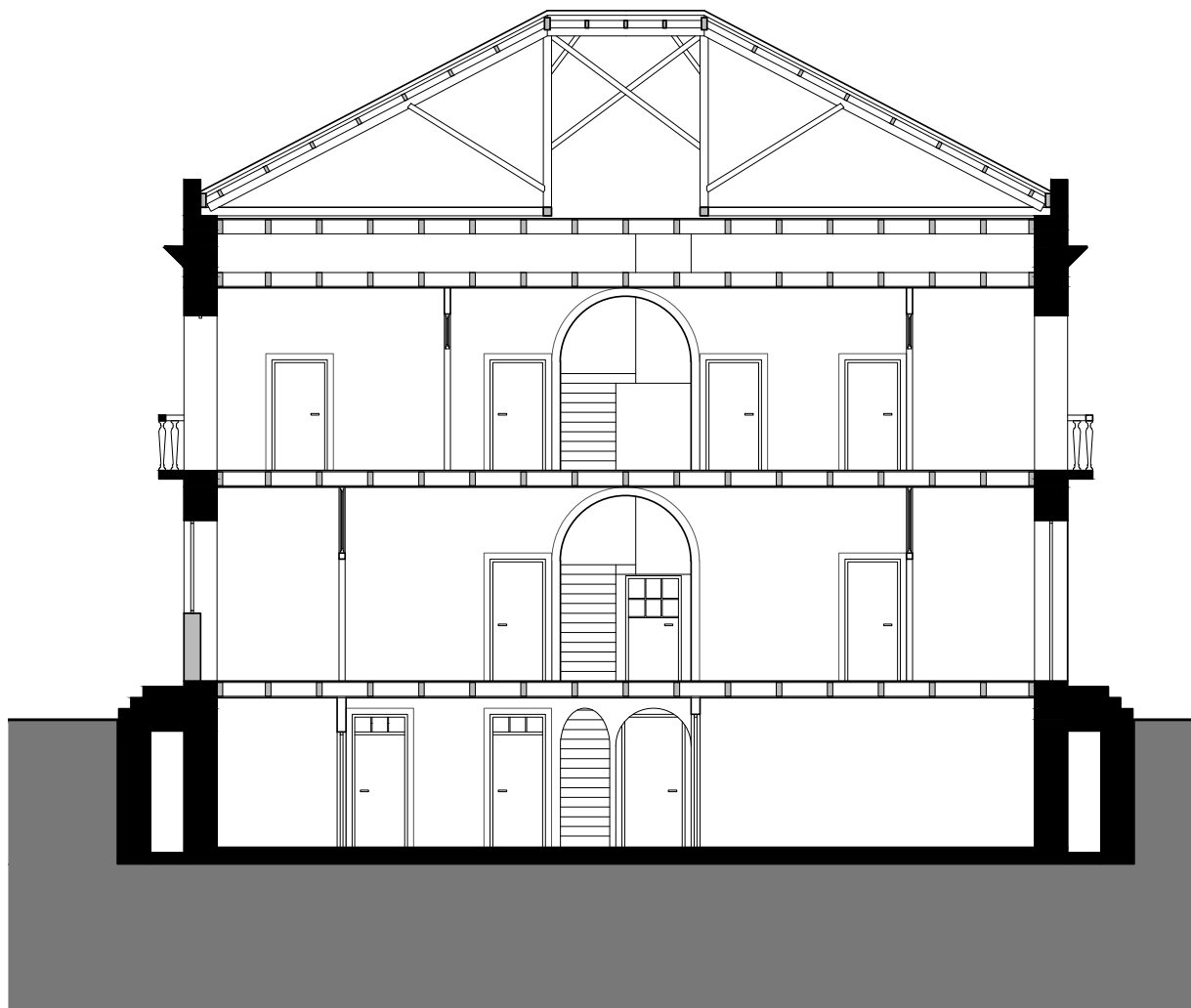


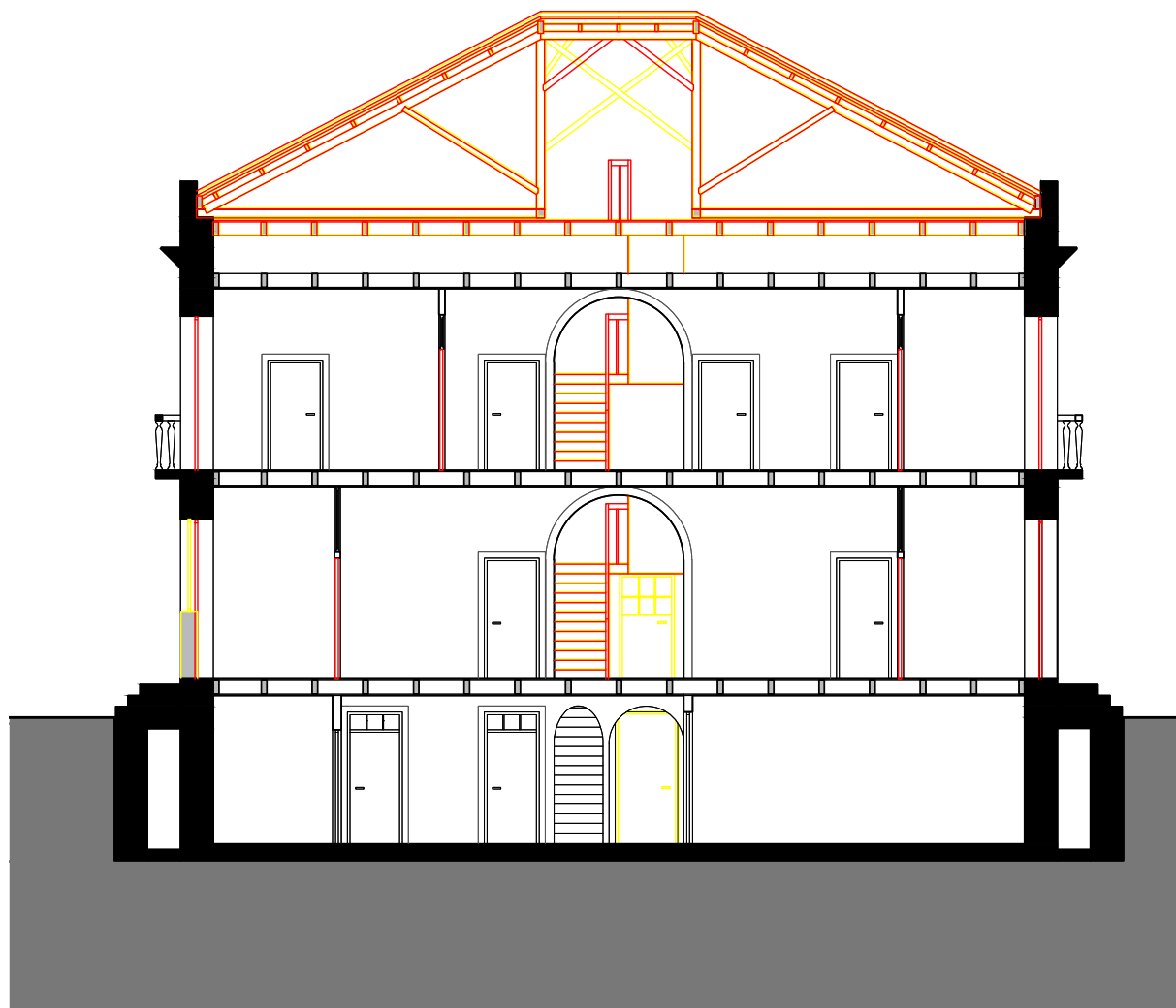
Piso 0 - Demolição/Construção



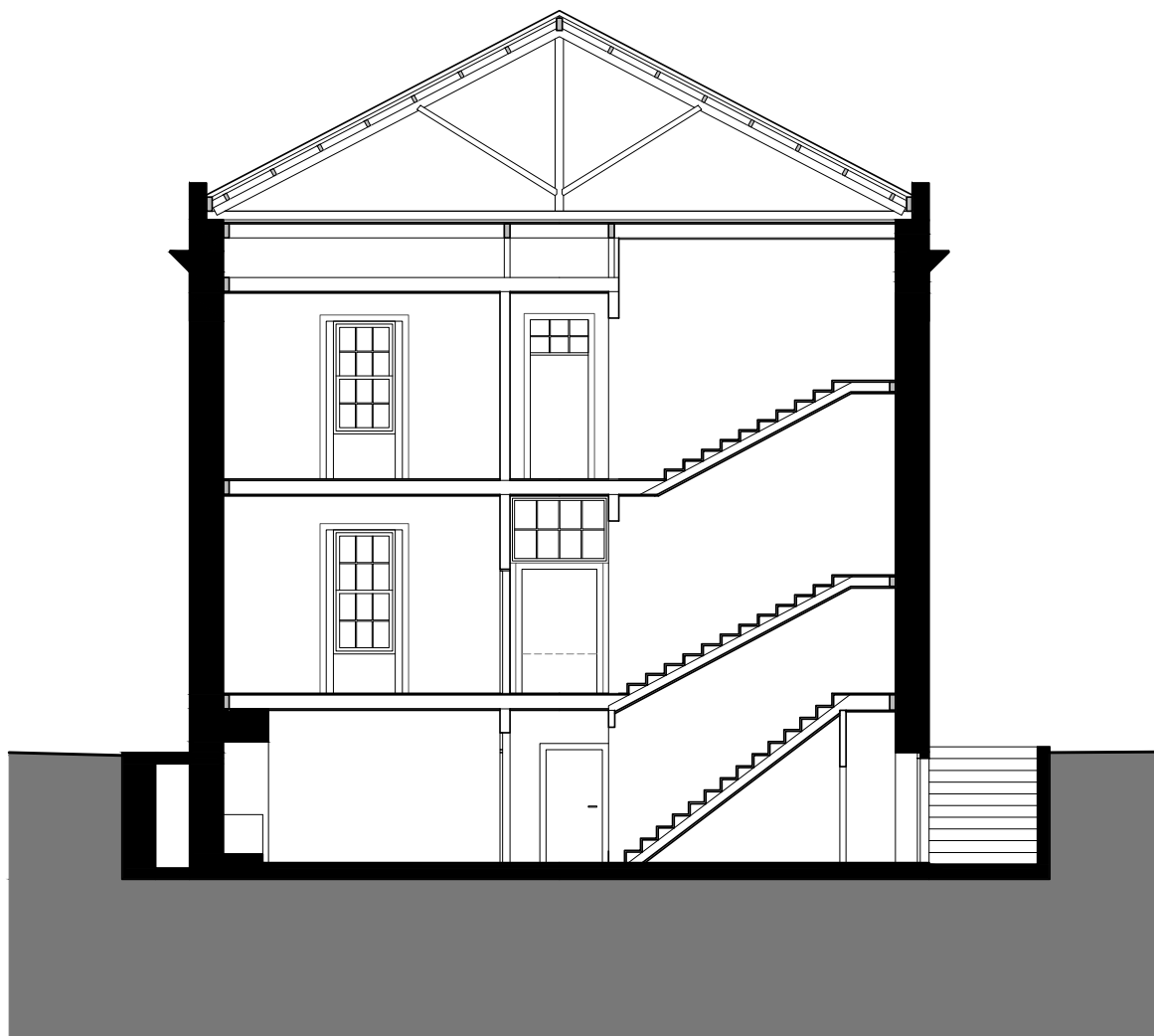


Piso 1 - Demolição Construção





Corte EE' - Demolição/Construção





Corte DD' - Demolição/Construção

